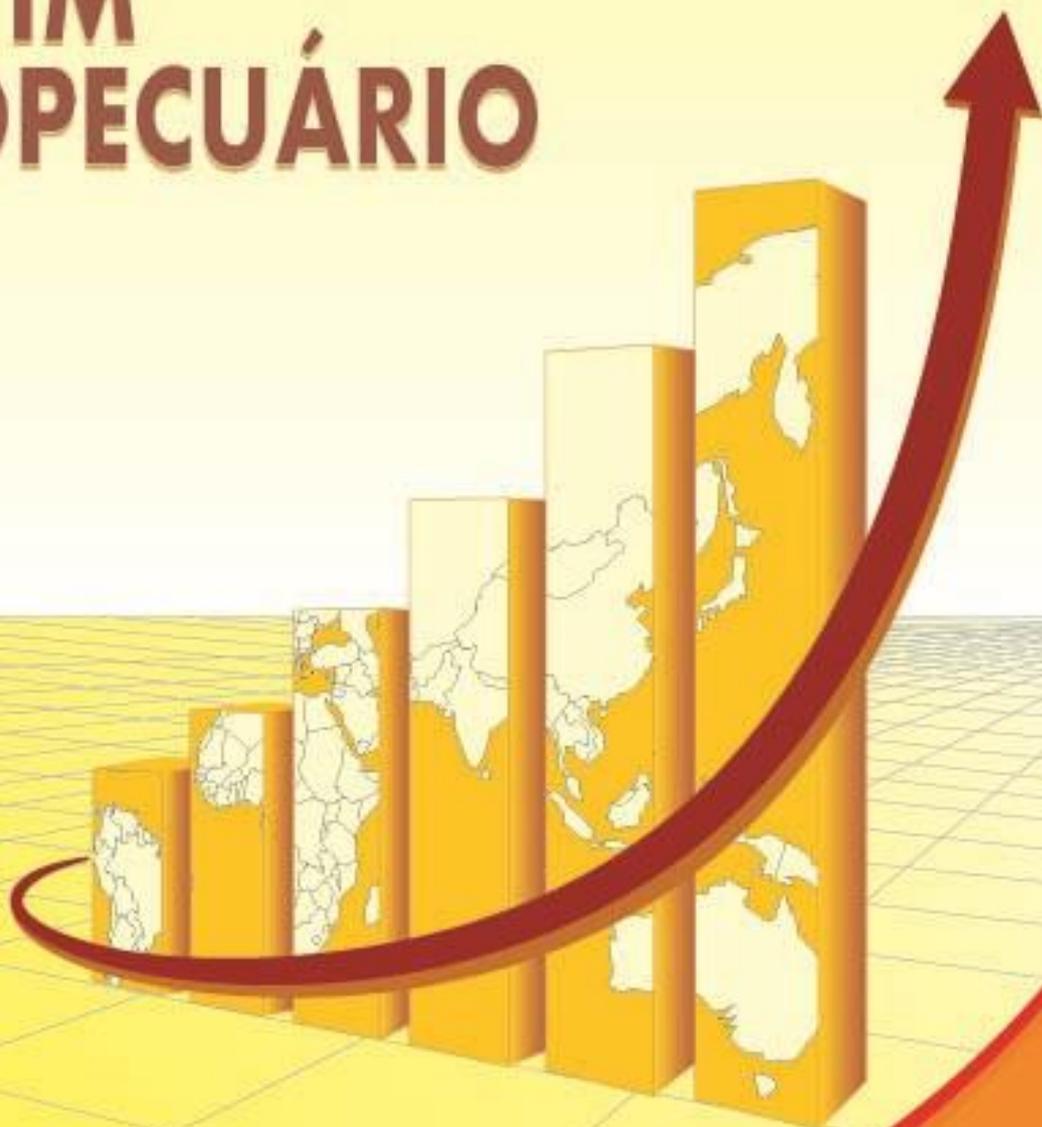


# BOLETIM AGROPECUÁRIO

Maio/2017 – Nº 48





**Governador do Estado**  
João Raimundo Colombo

**Vice-Governador do Estado**  
Eduardo Pinho Moreira

**Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca**  
Moacir Sopelsa

**Presidente da Epagri**  
Luiz Ademir Hessmann

**Diretores**

Ivan Luiz Zilli Bacic  
Desenvolvimento Institucional

Jorge Luiz Malburg  
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini  
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda  
Extensão Rural

**Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)**  
Reny Dorow



# Boletim Agropecuário

## **Autores desta edição**

Alexandre Luís Giehl  
Gláucia de Almeida Padrão  
Haroldo Tavares Elias  
João Rogério Alves  
Jurandi Teodoro Gugel  
Luis Augusto Araujo  
Marcia Mondardo  
Tabajara Marcondes



Florianópolis  
2017

**Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)**

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502  
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil  
Fone: (48) 3665-5000  
Site: [www.epagri.sc.gov.br](http://www.epagri.sc.gov.br)  
E-mail: [epagri@epagri.sc.gov.br](mailto:epagri@epagri.sc.gov.br)

**Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)**

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi  
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil  
Fone: (48) 3665-5078  
Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>  
E-mail: [online@epagri.sc.gov.br](mailto:online@epagri.sc.gov.br)

**Coordenação**

Glauca de Almeida Padrão – Epagri/Cepa

**Elaboração**

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa  
Glauca de Almeida Padrão – Epagri/Cepa  
João Rogério Alves – Epagri/Cepa  
Haroldo Tavares Elias – Epagri/Cepa  
Jurandi Teodoro Gugel – Epagri/Cepa  
Luis Augusto Araujo – Epagri/Cepa  
Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa  
Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

**Colaboração:**

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)  
Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa  
Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)  
Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)  
Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)  
Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa  
João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)  
Marcia Mondardo – Epagri/Cepa  
Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC  
Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)  
Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa  
Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)  
Wilian Ricce – Epagri/Ciram

**Revisão textual:** Laertes Rebelo

**Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)**

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

## Apresentação

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne, em um único documento, as informações conjunturais dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina. Anteriormente, a publicação era editada por produto.

O objetivo deste documento é apresentar de forma sucinta as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende transformar-se em uma ferramenta capaz de auxiliar o produtor rural a vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

**Luiz Ademir Hessmann**  
Presidente da Epagri

## Sumário

<b>Artigo de Opinião</b> .....	7
A prática da gestão dos estabelecimentos agropecuários catarinenses.....	7
<b>Artigo Técnico</b> .....	10
Evolução do preço de terra em Santa Catarina e seus fatores determinantes, de 1997 a 2016.....	10
<b>Grãos</b> .....	17
Arroz .....	17
Feijão .....	19
Milho.....	24
Soja .....	27
Trigo.....	29
<b>Produtos vegetais</b> .....	32
Mandioca.....	32
<b>Hortaliças</b> .....	34
Alho.....	34
Cebola.....	36
<b>Pecuária</b> .....	38
Avicultura.....	38
Bovinocultura .....	43
Suinocultura.....	47
Leite .....	52

## Artigo de Opinião

# A prática da gestão dos estabelecimentos agropecuários catarinenses

Luis Augusto Araujo  
Engenheiro-agrônomo, M.Sc - Epagri/Cepa  
[laraujo@epagri.sc.gov.br](mailto:laraujo@epagri.sc.gov.br)

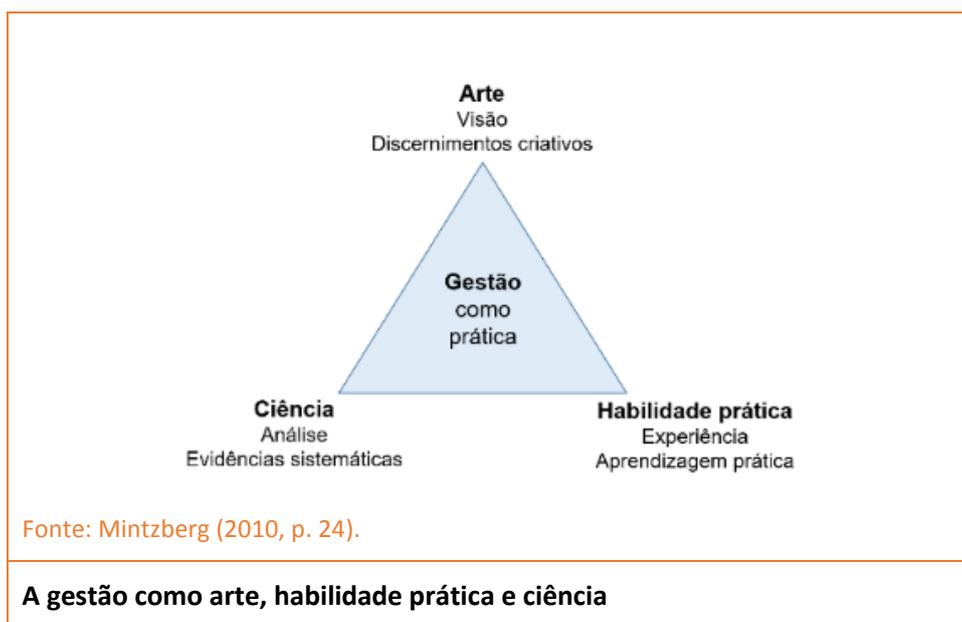
As sementes que representam organizações com gestão deplorável se espalham e crescem no solo daninho da pobreza. E essas sementes, quando atingem seu crescimento máximo? Atingem seu crescimento máximo quando a esperança das pessoas por uma vida melhor morre. O ser humano não merece isso: viver sem esperança.

O que devemos fazer? Precisamos manter a esperança viva para nutrir o bem-estar e a prosperidade do ser humano. Precisamos investir no entendimento dessa importante tecnologia social: a gestão enquanto prática saudável. Por isso estamos aqui.

Em minha trajetória de vida profissional, observei que tendemos a especificar demais o tema da gestão (como planejamento, controle, ferramenta e tomada de decisão). Especificar demais o assunto é querer “pregar gelatina na parede”, não se sustenta. Hoje sabemos que a gestão é uma prática, uma tarefa multifacetada.

### A gestão como prática

A gestão “é uma prática aprendida principalmente com a experiência e enraizada no contexto”. Não se trata de uma ciência e tampouco de uma profissão, podendo ser vista como um triângulo onde a arte (discernimento criativo), a habilidade prática (experiência e aprendizagem prática) e a utilização da ciência (evidências sistemáticas) se encontram (MINTZBERG, 2010, p. 24).



Os gestores, ao formular estratégias, se envolvem, são sensíveis, conhecem pelo toque seu estabelecimento agropecuário e seu setor de atuação. É dessa forma que os gestores criam sua estratégia. Consequentemente, o gestor precisa conhecer muito sobre o contexto específico de sua unidade de produção agropecuária e tomar decisões considerando esse conhecimento. Para Mintzberg (2010), o gestor do século 21 precisa ser um mestre na arte, na ciência e na habilidade prática.

O propósito da gestão é a ação e as suas ações terão maior probabilidade de sucesso quanto maior for sua aderência às novas realidades da economia e do mundo em que vive (das mudanças do ambiente externo e interno). Nesse contexto, surgiram duas questões relevantes relacionadas à gestão dos estabelecimentos agropecuários: Como os gestores, os agricultores e sua família percebem as variáveis externas, os fatores chaves de sucesso que afetam o seu negócio e a sua vida? Como eles percebem as variáveis internas e as competências que afetam o seu negócio e a sua vida?

### Vamos aos números

Um questionário foi aplicado junto a 79 agricultores e suas famílias para buscar resposta as questões anteriores, de quatro polos localizados em Santa Catarina: São Miguel do Oeste, Braço do Norte, Canoinhas e Imbuia. Cada questão foi avaliada como ameaça ou oportunidade, fortaleza ou fraqueza, conforme seu grau de importância atribuído pelo agricultor e família. Os estabelecimentos agropecuários pesquisados foram contemplados no âmbito da parceria estabelecida entre a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Santa Catarina (Fetaesc) e a empresa Souza Cruz, em que a referida pesquisa constituiu-se em uma das ações previstas.

De acordo com o levantamento, 53,5% do grau de importância total das variáveis do ambiente externo foi atribuído pelos agricultores como ameaça. Aparecem como ameaça com força esmagadora, todas acima de 90%, as seguintes variáveis: alterações na legislação previdenciária (98,6%); alterações na legislação tributária (97,9%); preços dos insumos (97,6%); taxa de juros (97%); alterações na legislação trabalhista (90,1%). Nunca é demais lembrar que, “mudança é oportunidade”, entretanto algumas são intensas e profundas, outras transitórias, mas nem por isso menos importantes, e cada uma delas deve ser explorada como oportunidade de se realizar algo novo e diferente.

Por outro lado, em relação às variáveis do ambiente interno, pode-se afirmar que predomina a percepção de fortaleza, uma vez que 81,6% do grau de importância total foi considerado como ponto forte. As variáveis mais intensamente percebidas como fraqueza foram: participação em atividades de educação ambiental (58,9%); situação das vias de acesso (57,8%); uso do computador para a gestão (46,8%); tamanho da propriedade e da área explorável (44,8%); separação, destinação e coleta de lixo (41,8%); perspectiva de sucessão da propriedade (37,4%); disponibilidade de energia elétrica (37,3%); e disponibilidade de meios de comunicação (30,8%).

Esses números representam ameaças e fraquezas, isso não são só dados. Isso pode significar tudo para milhares de famílias.

### A importância da pesquisa

É espantoso como nas atividades de pesquisa muitas vezes passa despercebido o modo como se faz a gestão e criam-se as estratégias. Por que o estudo, com este enfoque, pode ser tão importante para você?

Primeiro, porque permite conhecer a avaliação e o grau de importância por quem faz a gestão dos estabelecimentos agropecuários sobre fatores importantes que afetam a sua vida e o seu negócio. Por certo, a pesquisa interessa não só ao agricultor e sua família, mas a suas entidades representativas.

Segundo, o termo de cooperação, capitaneado pela Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca de Santa Catarina, permitiu a ampliação da abrangência do estudo para os três estados do sul do Brasil. Assim sendo, o estudo tem potencial para elucidar várias inquietações e discussões sobre o tema da gestão e de como abordá-lo junto ao agricultor familiar.

Terceiro, o que nos deixa contente é que, além das entidades parceiras, das entidades representativas dos agricultores e das entidades de extensão rural, vários departamentos e núcleos de pesquisas de universidades se incorporaram e estão interessados no tema. Isso permite ampliar e qualificar as discussões na busca por informações, conhecimentos e tecnologias voltadas a contribuir com a gestão dos estabelecimentos agropecuários.

Resumindo, o estudo interessa a quem faz a prática da gestão, o agricultor e sua família (somos 193 mil estabelecimentos agropecuários em Santa Catarina); a você e sua empresa que sistematicamente prestam serviços de extensão rural, orientações técnicas e consultoria diretamente a eles; e a você e sua instituição (universidades e institutos de pesquisa) que, interessados no tema da gestão, poderão contribuir com suas análises e estudos.

### O coração e a alma da inovação

Refleta sobre essa importante tecnologia social: a gestão. A propósito, a citada pesquisa é uma excelente oportunidade para propor e identificar ações que possam contribuir com a sobrevivência e a prosperidade de muitas pessoas, na continuidade deste século 21.

As inovações que realmente fazem a diferença são as que estão melhorando a vida. Pode-se dizer que o coração e a alma da inovação em gestão saudável apoiam-se num desejo intenso de ampliar as realizações humanas. Nesse sentido, ou nós escolhemos um caminho para a inovação em gestão saudável, ou teremos que abrir um novo. Por certo, vamos optar pela segunda alternativa.

Nessa caminhada, serviu-me de inspiração e apoio constante a frase de Sir Ken Robinson: “Se você não estiver preparado para estar errado, jamais se sairá bem com qualquer coisa original”.

### Referências bibliográficas

MINTZBERG, Henry. Managing: desvendando o dia a dia da gestão. São Paulo: Bookman Editora, 2010.

## Artigo Técnico

### Evolução do preço de terra em Santa Catarina e seus fatores determinantes, de 1997 a 2016

Glauca de Almeida Padrão  
 Economista, Dr<sup>a</sup>. – Epagri/Cepa  
[glauciapadrao@epagri.sc.gov.br](mailto:glauciapadrao@epagri.sc.gov.br)

Marcia Mondardo  
 Engenheira-agrônoma, Msc. – Epagri/Cepa  
[mmondardo@epagri.sc.gov.br](mailto:mmondardo@epagri.sc.gov.br)

As transformações estruturais ocorridas na agropecuária e o ganho de importância da atividade para atender a uma população crescente têm reflexos diretos na valorização da terra. Por essa razão, a análise da evolução e determinantes do preço da terra no Brasil e estados têm sido objeto de pesquisa durante muitos anos, dados os diversos aspectos teóricos e empíricos envolvidos. De acordo com Brandão e Rezende (1989), o modelo ricardiano, que argumenta que o ativo terra tem seu preço determinado pela expectativa de renda gerada pela exploração agrária, foi amplamente utilizado para explicar a evolução do preço da terra. No entanto, a partir de 1950 os preços da terra agrária passaram a apresentar comportamento diferenciado em relação às rendas, o que chamou a atenção dos pesquisadores para a identificação de outros fatores que por ventura pudessem influenciar o comportamento dos preços, sejam eles ligados ao desempenho da atividade agropecuária ou não.

No Brasil, os preços da terra foram marcados por alterações decorrentes da instabilidade financeira no decorrer dos anos, pois nos momentos quando a inflação apresenta-se elevada os ativos reais como a terra, por serem ativos de reserva de valor, têm sua demanda aumentada, o que pode elevar seus preços. O período em que os preços da terra no Brasil atingiram o valor máximo foi em 1986, ano marcado pelo congelamento de preços e salários e pelo aumento do crédito para o setor agrícola, o que valorizou duplamente o ativo terra. Após a implantação do Plano Real, em 1994, os preços se estabilizaram, voltando a apresentar tendência de aumento nos últimos anos.

O comportamento dos preços de terra tende a acompanhar o ganho de importância da atividade agropecuária na região. Nesse sentido, Santa Catarina é um estado de grande aptidão agrícola, o que afeta diretamente os preços do principal ativo produtivo, a terra. Os principais produtos agropecuários do Estado em termos de Valor Bruto da Produção (VBP) em 2016 podem ser vistos na Tabela 1.

**Tabela 1. Valor Bruto da Produção dos dez principais produtos da agropecuária catarinense -2015/16, em mil reais**

Produto	VBP		Posição no ranking geral	Variação 2016/2015 (%)
	2015	2016		
Carne de frango	5.962.724	7.105.164	1º	19,2
Carne suína	4.038.466	3.967.454	2º	-1,8
Leite	2.663.752	3.751.121	3º	40,8
Soja	1.928.991	2.401.302	4º	24,5
Fumo	1.978.142	1.993.574	5º	0,8
Carne bovina	1.362.661	1.396.780	6º	2,5
Milho	922.292	1.372.650	7º	48,8
Ovos de galinha	724.147	842.931	8º	16,4
Arroz	760.842	842.086	9º	10,7
Madeira outras finalidades	690.874	712.733	10º	3,2

Fonte: Epagri/Cepa, Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 2016.

Nota-se que a maior parte dos produtos apresentou aumento do VBP entre 2015 e 2016. Isso porque boa parte desses produtos teve o preço ao produtor elevado no último ano em função, principalmente, da frustração de safra que causou redução da oferta no mercado e desvalorização cambial, impulsionando as exportações. Apesar do ganho de importância da atividade agropecuária no Estado, os preços da terra agrícola se mantiveram estáveis entre 1997 e 2002 em função da estabilidade monetária alcançada após a implantação do Plano Real em 1994. Em 2003, no entanto, os preços voltaram a crescer e atingiram picos em 2016. Nesse período, o aumento da produção agropecuária, com destaque para a soja, foi determinante para a elevação dos preços. Destaca-se ainda que outros fatores regionais e macroeconômicos têm influência direta sobre esse comportamento. Assim, o objetivo geral deste estudo é apresentar a evolução dos preços de terra em Santa Catarina que foram levantados, criticados e divulgados pela Epagri/Cepa e analisar seus determinantes.

### Levantamento, crítica de dados e variáveis determinantes

O levantamento de preços de terras agrícolas em Santa Catarina é um trabalho realizado pela Epagri/Cepa com o objetivo de conhecer a evolução dos preços das terras utilizadas na agricultura, de modo a permitir e subsidiar o gerenciamento de políticas agrícolas e dar suporte a estudos e projetos.

Os preços das terras são valores referenciais do município e, por isso, estão sujeitos a grandes variações, principalmente devido a fatores como localização do imóvel, topografia e qualidade do solo, grau de aproveitamento agrícola, etc. Não está entre os objetivos do levantamento informar preços de terras para balizar negócios com terras ou referenciar arbitragens. O levantamento é feito pelos técnicos da Epagri/Cepa, nos municípios integrantes de suas respectivas regiões de atuação, junto a instituições predefinidas, como prefeituras, cartórios, bancos, cooperativas, imobiliárias, sindicatos, além de técnicos da extensão rural e agricultores.

As informações obtidas são declaratórias, não refletindo portanto transações efetivas. A pesquisa contempla o levantamento da terra nua (sem benfeitorias) para uso agrícola, além de áreas aptas a se constituírem em servidão florestal (preservação permanente).

Para a determinação dos preços foram estabelecidas 7 classes de terras a serem pesquisadas. Para efeito de enquadramento é considerada a predominância na área total do imóvel de uma das seguintes classes:

1 - **Terra de várzea sistematizada** - Terra de várzea, nivelada e entaipada, com canais de irrigação e drenagem, pronta para o cultivo do arroz irrigado.

2 - **Terra de várzea não sistematizada** - Planície normalmente fértil, cultivável e que apresenta potencial para ser sistematizada.

3 - **Terra de primeira** - Terra mecanizável e de boa fertilidade ou terra de várzea que não apresenta potencial para ser sistematizada.

4 - **Terra de segunda** - Terra mecanizável de baixa fertilidade ou terra de boa fertilidade, mas com dificuldade para mecanização.

5 - **Terra de terceira** - Áreas de topografia acidentada, impróprias à exploração de lavouras temporárias, lavouras permanentes e pastagem. Uma das poucas alternativas de exploração econômica é a implantação de reflorestamento.

6 - **Terra de campo nativo** - Terra de campo nativo, cuja principal característica é o solo raso ou pedregoso.

7 - **Terra para servidão florestal** – Áreas cobertas de vegetação nativa primária (mata virgem) em estágio médio (capoeiras) ou avançado (capoeirão) de recomposição.

Para cada uma das categorias existentes no município são levantados os preços mínimos, mais comuns e máximos, em pelo menos três informantes representativos considerando a localização e as características físico-químicas da terra. Esses dados sofrem crítica de consistência no momento da coleta, eliminando-se os valores díspares. A referência de preço final para o município é apresentada da seguinte forma:

- preço mínimo - menor valor observado;
- preço mais comum - cotação mais frequente entre os valores coletados;
- preço máximo - maior valor observado no levantamento.

Neste estudo serão analisados os preços mais comuns ponderados para Santa Catarina e grandes regiões do Estado para a Terra de Primeira, Terra de Segunda e Terra de Várzea Sistematizada. De acordo com Rahal (2003), entre os enfoques teóricos que procuram explicar o preço da terra pode-se distinguir três grupos que, todavia, se inter-relacionam. A primeira abordagem teórica, baseada no modelo ricardiano, coloca maior peso nos fatores inerentes ao setor agrícola, tais como demanda e lucratividade da atividade. A segunda abordagem encontra explicação nos fatores indiretos que influenciam a atividade agrícola, como o crédito e a concentração fundiária. E a terceira corrente atribui causalidade aos fatores econômicos, como a rentabilidade da terra e seu uso como reserva de valor.

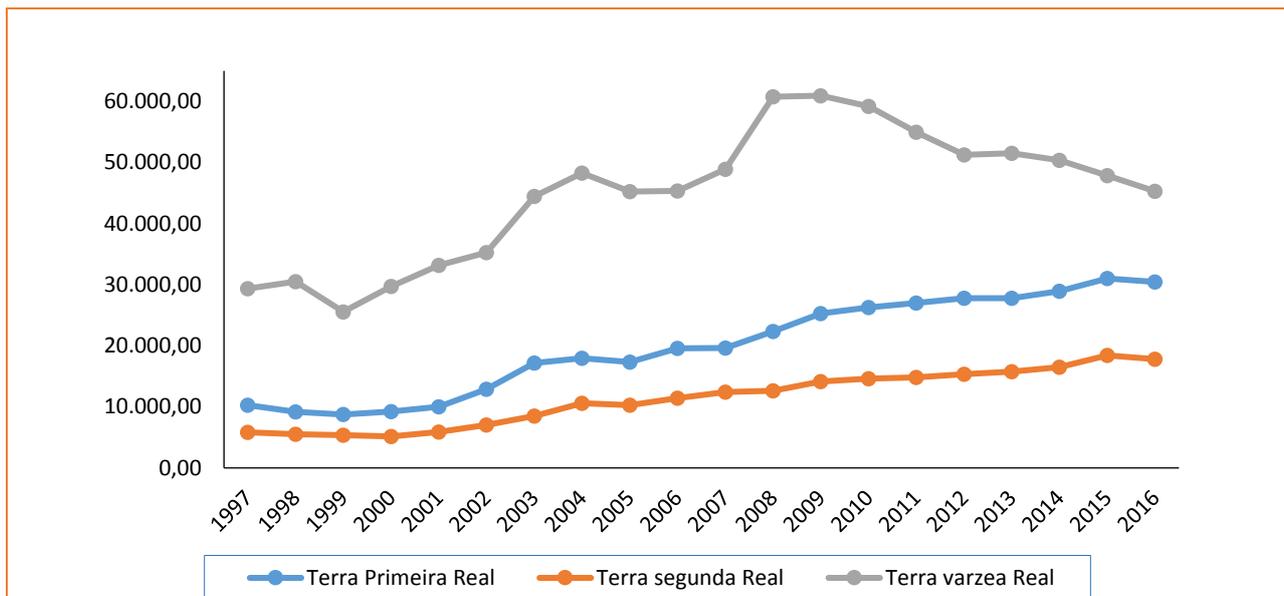
Assim, a escolha das variáveis analisadas para avaliar sua influência nos preços de terra foi feita considerando os estudos supracitados. Destaca-se que a intenção deste estudo num primeiro momento é analisar o comportamento das séries de dados e suas possíveis explicações.

### **Análise do comportamento dos preços de terra e seus determinantes**

A evolução dos preços de terra de primeira, de segunda e de várzea sistematizada é apresentada na Figura 1. Os preços médios para as três classes de terra foram obtidos ponderando os valores dos preços mais comuns dos municípios pelas áreas de lavouras temporárias para as terras de primeira, lavoura permanente para as terras de segunda e de arroz irrigado para as terras de várzea sistematizada.

Observa-se na Figura 1 que, entre 1997 e 2016, os preços das terras de primeira, de segunda e de várzea sistematizada cresceram em média, respectivamente, 5,87%, 6,05% e 2,31% ao ano.

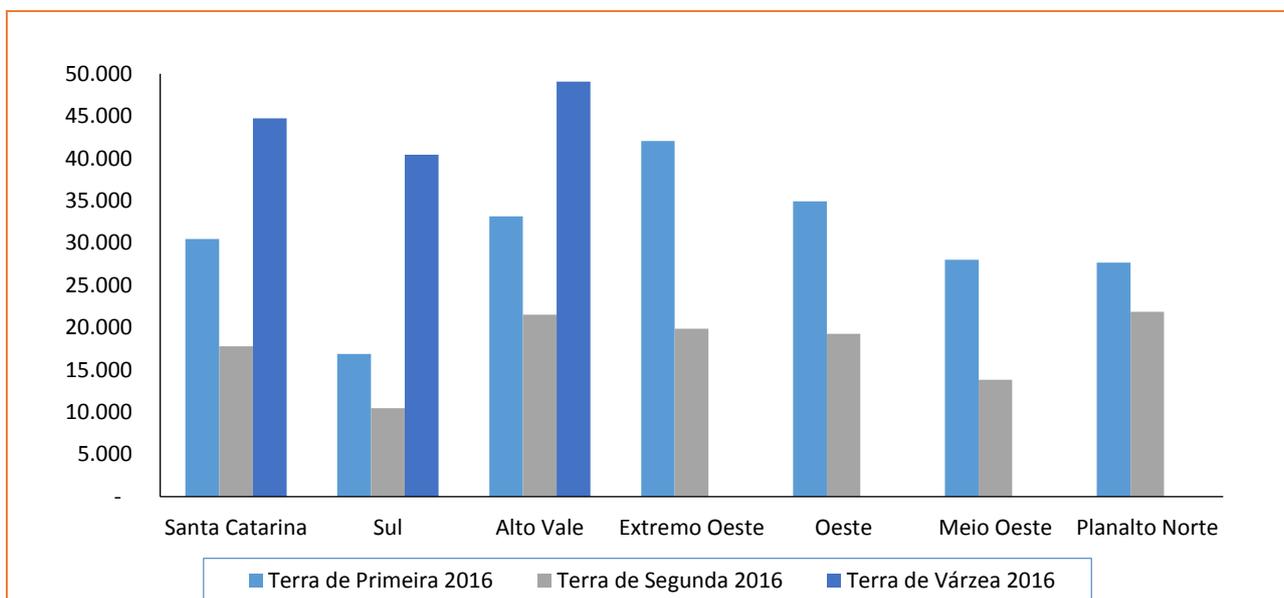
Analisando esse crescimento por grandes regiões de Santa Catarina (Figura 2), nota-se que para a terra de primeira, destinada principalmente para a produção de grãos, o preço médio no Estado foi de R\$30,4 mil, tendo as regiões Oeste, Meio-Oeste, Extremo Oeste e Planalto Norte apresentado crescimento médio anual dos preços acima do crescimento estadual. Para a terra de segunda, destinada principalmente às culturas permanentes, o preço médio no Estado foi R\$17,8 mil, e as regiões do Planalto Norte, Meio-Oeste, Oeste e Extremo Oeste apresentaram crescimento médio anual acima da média estadual, com destaque para o Planalto Norte, que apresentou crescimento dos preços de 8,10% contra 6,05% de crescimento no Estado no período analisado. Já a terra de várzea sistematizada, destinada ao cultivo de arroz e cujo preço médio no Estado em 2016 atingiu a marca de R\$44,7 mil, teve seu crescimento bem distribuído entre as regiões. O crescimento médio anual dos preços de terra de várzea nas regiões do Alto Vale e Sul giraram em torno de 2,5% ao ano no período analisado. Nota-se que as regiões onde a produção agrícola predominante em cada classe de terra se mostrou mais dinâmica foram aquelas cujos preços se valorizaram mais no período.



Nota: Os preços foram ponderados pelas áreas agrícolas dos municípios e deflacionados pelo IGP-DI (base 100=2016).

Fonte: Epagri/Cepa, 2017.

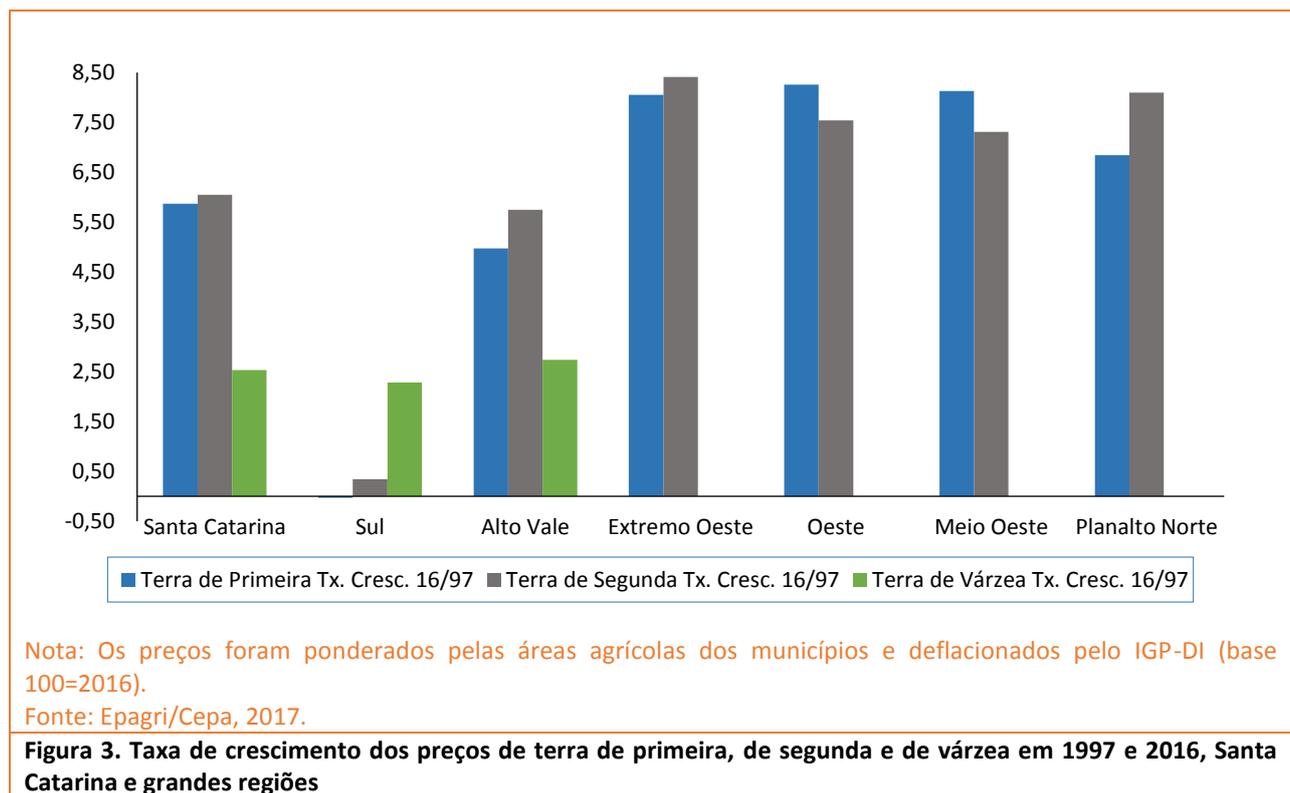
**Figura 1. Evolução dos preços ponderados de terra de primeira, de segunda e de várzea sistematizada em Santa Catarina, 1997 a 2016 (R\$/ha)**



Fonte: Epagri/Cepa, 2017.

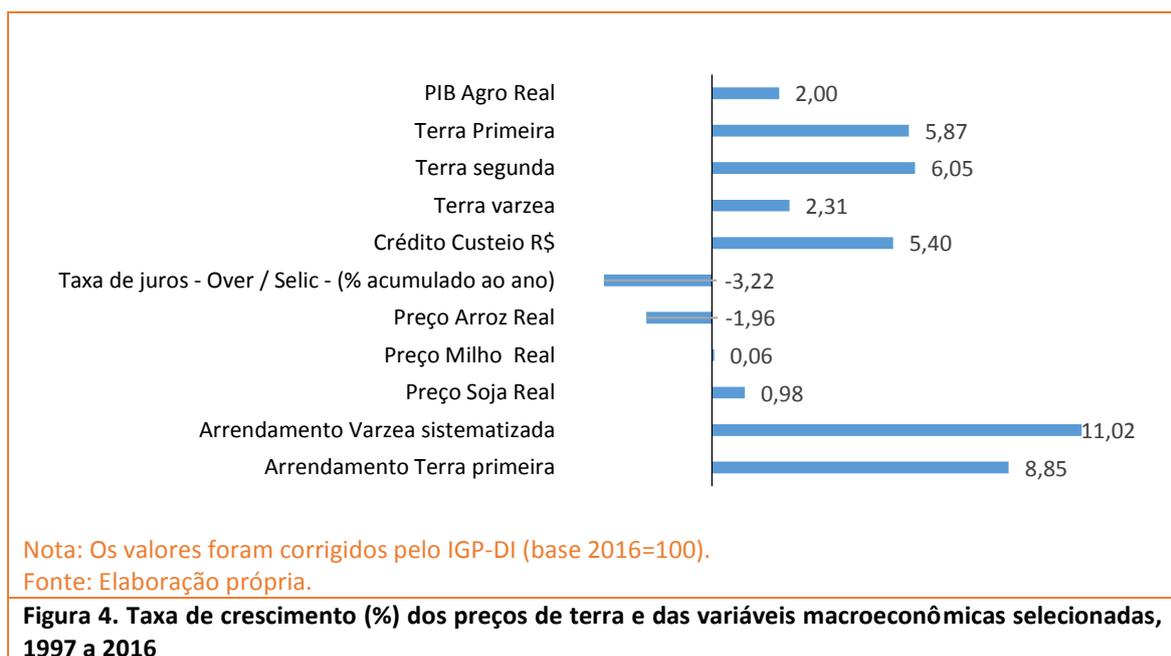
**Figura 2. Preços ponderados de terra de primeira, de segunda e de várzea sistematizada em 2016, Santa Catarina e grandes regiões (R\$/ha)**

A análise cuidadosa da evolução desses preços permite identificar como possíveis variáveis explicativas as políticas de reflorestamento que fomentaram a reserva de áreas verdes nas propriedades que, ao reduzir a oferta de terra para produção, podem ter influenciado positivamente os preços; o aumento do acesso ao crédito agrícola; o preço e a produtividade da agropecuária; a taxa de câmbio real; a estrutura viária da região; a distância das propriedades dos centros consumidores dos produtos agrícolas; a expansão urbana que pressiona as áreas agrícolas; outros fatores de ordem qualitativa e ligados a aspectos produtivos.



Na Figura 4, analisa-se a evolução dos preços de terra por classes selecionadas e o comportamento das variáveis macroeconômicas. Observa-se que o preço de terra das classes selecionadas teve taxa de crescimento maior que a maioria das variáveis macroeconômicas consideradas no período da análise.

Ao longo dos últimos 20 anos a disponibilidade de crédito rural para custeio em Santa Catarina foi crescente, chegando a R\$6.124 milhões em 2016. Embora nos últimos quatro anos essa disponibilidade tenha sofrido algumas retrações, a taxa de crescimento anual foi em média de 5,4%, o que, por um lado, aumentou a capacidade de financiamento da lavoura e, por outro, provocou o endividamento dos produtores que se veem cada vez mais à mercê das oscilações do mercado ao comercializar seu produto. O crescimento dos preços de terra acima do crescimento da disponibilidade de crédito para custeio leva à conclusão de que outras variáveis macroeconômicas influenciam diretamente seu comportamento



Comparando o comportamento do IGP-DI, que mede a inflação no Brasil, e os preços de terra, nota-se que os preços de terra das classes selecionadas cresceram entre 2,31 e 6,05% ao ano acima do IGP-DI, haja vista que tais valores foram deflacionados. Essa comparação é importante, pois nos casos em que são observadas altas inflações, a terra rural, que é um ativo real, tende a se valorizar na medida em que passa a chamar a atenção de investidores que buscam proteger seu capital contra a inflação. Com a implantação do Plano Real a inflação passou por um período de estabilidade, mas nos últimos anos voltou a aumentar, provocando alterações nos preços de terra que, embora tenham se retraído em algumas regiões do Estado entre os anos de 2015 e 2016 pela pouca expressividade dos negócios realizados, na média apresentaram valorização significativa. Raciocínio análogo pode ser feito para o comportamento da Taxa Selic ao longo dos anos analisados cuja taxa de crescimento foi de -3,22%. Isso indica que os títulos públicos passaram a ser menos remunerados ao longo dos anos, de forma que o ativo terra se torna mais atrativo, podendo levar a um aumento da procura e, conseqüentemente, ao aumento dos preços.

O arrendamento de terra de várzea sistematizada e terra de primeira apresentaram por sua vez crescimento significativo ao longo dos anos analisados. Isso porque no Estado tem havido uma concentração da produção nas mãos de poucos produtores. Estima-se por exemplo que 47% da área de produção de arroz tenha sido arrendada em 2016, pois a margem de ganho desses produtores é pequena e o arrendamento de terras tende a gerar mais renda em comparação com o retorno que o agricultor obterá com a produção, principalmente para aqueles cujo nível tecnológico adotado é baixo.

Importante considerar os preços ao produtor dos produtos agrícolas selecionados (arroz, milho e soja) nesta análise. Na maioria das regiões do Estado o arrendamento e a venda de terras são dados em número de sacas de determinado produto, principalmente a soja, que tem alta liquidez e grande valorização no mercado. Além disso, o aumento da demanda mundial por alimentos e as sucessivas intempéries climáticas que prejudicam o andamento das safras têm elevado os preços e resultado em aumento da procura por terras agrícolas. Considerando os preços de tais produtos deflacionados, percebe-se que eles reduziram no período analisado. Taxas de crescimento expressivas para os preços de tais produtos influenciam positivamente os preços de terra em dois sentidos: quanto maiores esses preços, maior o preço de terra, que em algumas regiões do Estado são indexados pelo preço da saca das commodities; e o interesse de investidores em terras para produção com vistas a alcançar um mercado com preços crescentes.

Quanto ao PIB Agropecuário, que apresentou crescimento médio anual de 2% no período analisado, o efeito nos preços de terra é positivo, haja vista que um crescimento positivo para essa variável significa expansão da atividade no País e aumento de sua atratividade. No caso do crescimento do PIB Agropecuário, o ativo terra se torna atrativo por ser um fator produtivo de uma atividade em expansão.

Como considerações finais destaca-se que os preços de terra no estado de Santa Catarina têm apresentado crescimento ao longo dos últimos anos e recebem influência de boa parte das variáveis macroeconômicas consideradas nessa análise. Cabe destacar que o mercado imobiliário tem apresentado poucas negociações nos últimos anos, principalmente pela forte valorização dos preços nos últimos cinco anos, o que levou à redução da demanda. Outro fator de grande relevância são os preços de arrendamento, que cresceram significativamente ao longo do período e têm levado os produtores que não conseguem se manter no mercado a arrendar suas terras e, em algumas situações, obter maior lucro do que na manutenção da atividade produtiva. Destaca-se, então, a importância de estudos dessa natureza e com maior profundidade para identificar os potenciais efeitos dessas e de outras variáveis no comportamento dos preços de terra.

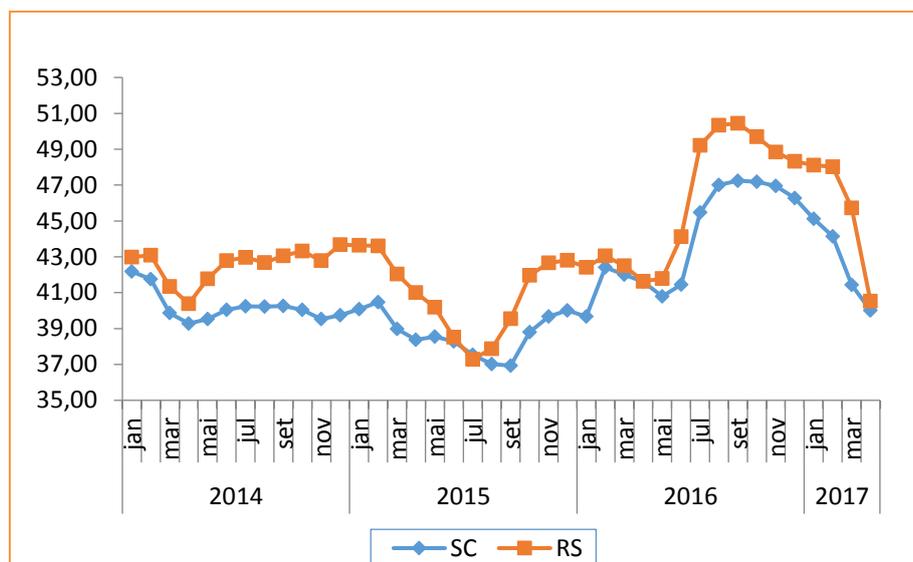
### Referências

- BRANDÃO, A. S. P. & REZENDE, G.C. The behavior of land prices and land rents in Brazil. In: Agriculture and Government in an Interdependent World, Buenos Aires, 1989, Anais. BUENOS Aires: IAAE, 1989, p. 717-727.
- CEPA – Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola. Preço de Terra. Disponível em: <[http://docweb.epagri.sc.gov.br/website\\_cepa/precos/Preco\\_de\\_terra\\_2009\\_2016.xls](http://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cepa/precos/Preco_de_terra_2009_2016.xls)>. Acesso em: 03 de abril de 2017.
- Drescher, Klaus. Henderson, Jason. McNamara, Kevin. Farmland Prices Determinants. Presented at 2001 American Agricultural Economics Association Annual Meeting, August 5-8, 2001.
- Elad, E.L. Clifton, I.D. Epperson, J.E. Hedonic Estimation Applied to the Farmland Market in Georgia. *Journal of Agricultural and Applied Economics*, 26(2): 351-366. 1994.
- FÁVERO, Luiz Paulo Lopes. BELFIORE, Patrícia Prado. LIMA, Gerlando A. S. Franco de. Modelos de Precificação Hedônica de Imóveis Residenciais na Região Metropolitana de São Paulo: Uma Abordagem sob as Perspectivas da Demanda e da Oferta. *Est. econ.*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 73-96, Jan./Mar. 2008.
- Herriges, J.A., Barickman, N. E. Shogren, J.F. The Implicit Value of Corn Base Acreage. *American Journal of Agricultural Economics* 74: 50-58. 1992.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Agrícola Municipal. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 03 de abril de 2017.
- Lancaster, K. A new approach to consumer's theory. *Journal of Political Economy*, v. 74, p. 132-157, 1966.
- Miranowski, J.A. Hammes, B.D. Implicit Prices of Soil Characteristics of Farmland in Iowa. *American Journal of Agricultural Economics* 66: 745-749. 1984.
- Palmquist, R.B. Land as a Differentiated Factor of Production: A Hedonic Model and Its Implications for Welfare Measurement. *Land Economics*. Vol. 65, No. 1. 1989.
- Palmquist, R.B. Danielson, L.E. A Hedonic Study of the Effects of Erosion Control and Drainage on Farmland Values. *American Journal of Agricultural Economics* 71: 55-62. 1989.
- RAHAL, C. S. A evolução dos preços da terra no estado de São Paulo: análise de seus determinantes. Dissertação (Mestrado). ESALQ - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Piracicaba, 2003.
- Roka, F.M. Palmquist, R.B. Examining the Use of National Database in a Hedonic Analysis of Regional Farmland Values. *American Journal of Agricultural Economics* 79: 1651-1656. 1997.
- Rosen, S. Hedonic Prices and Implicit Market: Product Differentiation in Pure Competition. *Journal of Political Economy* 2: 34-55. 1974.
- Shi, Y.J. Phipps, T.T. Colyer, D. Agricultural Land Values Under Urbanizing Influences. *Land Economics* 73(1): 90-100. 1997.
- Weersink, A. Clark. S. Turvey, C.G. Sarker, R. The Effect of Agricultural Policy on Farmland Values. *Land Economics*. Vol. 75 (3), pp. 425-439. 1999.

## Grãos

### Arroz

Glauca de Almeida Padrão  
Economista, Dra. – Epagri/Cepa  
[glauciapadrao@epagri.sc.gov.br](mailto:glauciapadrao@epagri.sc.gov.br)



Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink (RS).

**Arroz irrigado – Evolução do preço médio mensal ao produtor – Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Jan./2014 a Abr./2017) – R\$/sc 50kg**

Em abril de 2017 os preços ao produtor continuaram o comportamento de queda observado desde meados de 2016. Em Santa Catarina os preços fecharam em R\$40,01, enquanto no Rio Grande do Sul fecharam em R\$40,52. Além da expectativa de safra significativa e com boa qualidade dos grãos, que tem se confirmado com o avanço da colheita nos dois estados, as importações com origem no Uruguai e Paraguai estavam com mercado favorável no último mês, o que aumentou a oferta interna e favoreceu a queda dos preços. Em Santa

Catarina, a colheita está praticamente encerrada e as indústrias de beneficiamento encontram-se com os estoques cheios. Dessa forma, alguns produtores têm segurado produto, quando possível, na esperança de que os preços melhorem.



Fonte: Secex/MDIC.

**Arroz em casca – Evolução das exportações, importações e saldo anuais de Santa Catarina – em toneladas**

O mercado externo é pouco representativo em Santa Catarina. De janeiro a abril de 2017 o saldo da balança comercial do grão foi negativo e, durante o período de referência, as exportações totalizaram 1.766,17 toneladas, enquanto as importações totalizaram 17.269,88 toneladas. Os países de origem do arroz continuam sendo Uruguai e Paraguai, os quais, pela proximidade e facilidade logística, permitem reduzir os custos de comercialização e tendem a favorecer o comércio. Ademais, as características do grão nesses países atendem as exigências do consumidor interno e as indústrias de beneficiamento têm demandado cada vez mais arroz desses

países quando o câmbio está favorável.

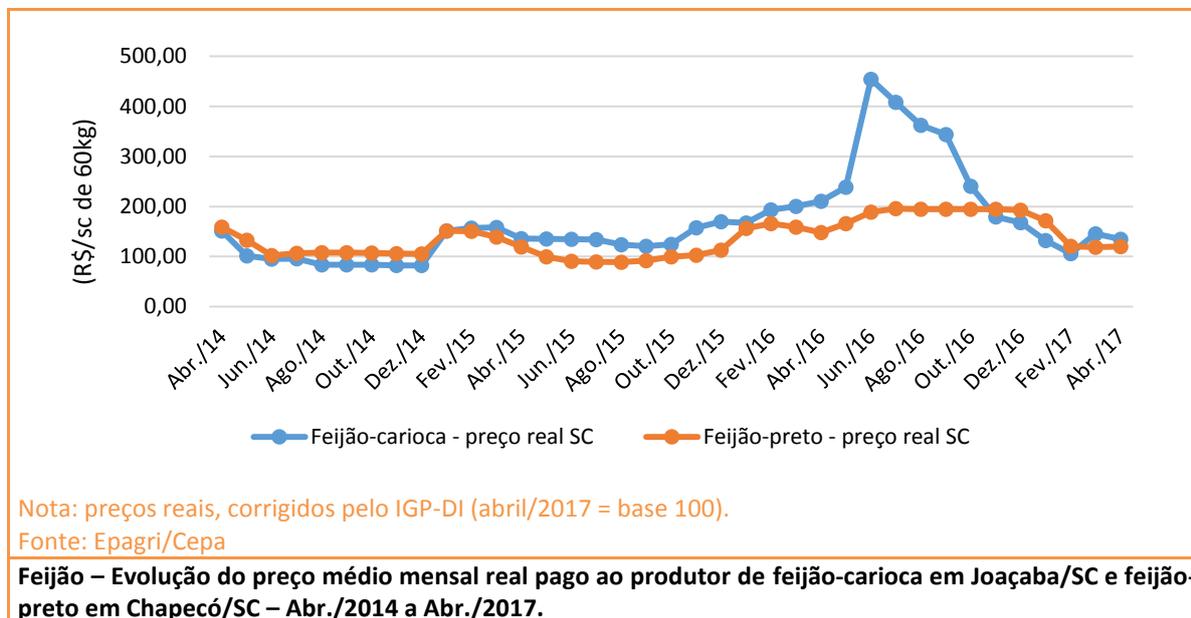
Arroz Irrigado – Acompanhamento da safra 2016/17 – Santa Catarina									
Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 (estimativa atual)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	51.454	364.913	7.092	51730	368.995	7.133	0,54	1,12	0,58
Blumenau	8.208	65.441	7.973	8379	67.138	8.013	2,08	2,59	0,50
Criciúma	20.625	148.165	7.184	20857	143.551	6.883	1,12	-3,11	-4,19
Florianópolis	2.895	16.336	5.643	3095	17.336	5.601	6,91	6,12	-0,74
Itajaí	9.088	59.997	6.602	9261	68.561	7.403	1,90	14,27	12,14
Ituporanga	259	1.554	6.000	259	2.072	8.000	0,00	33,33	33,33
Joinville	19.655	126.509	6.436	19736	166.576	8.440	0,41	31,67	31,13
Rio do Sul	10.684	77.324	7.237	10759	89.384	8.308	0,70	15,60	14,79
Tabuleiro	125	1.050	8.400	146	1.238	8.479	16,80	17,90	0,95
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2690	20.300	7.546	0,00	0,00	0,00
Tubarão	21.025	158.508	7.539	21094	156.253	7.407	0,33	-1,42	-1,75
<b>Santa Catarina</b>	<b>146.708</b>	<b>1.040.097</b>	<b>7.090</b>	<b>148006</b>	<b>1.101.404</b>	<b>7.442</b>	<b>0,88</b>	<b>5,89</b>	<b>4,97</b>

Fonte: Epagri/Cepa.

A safra 2016/17 se aproxima do fim em Santa Catarina. Com 99,43% das áreas plantadas já colhidas no Estado, restam ainda pequenas áreas para colher que não devem influenciar nos resultados da safra. No último relatório de safra divulgado pela Epagri/Cepa a área plantada estimada para o grão é de 148,01 mil hectares, 0,88% acima da área plantada na safra anterior. O rendimento médio observado no estado foi 4,97% acima do observado na safra 2015/16. Ressalta-se que a comparação com a safra anterior deve ser cuidadosa uma vez que aquela sofreu graves problemas climáticos, resultando em um rendimento médio baixo. No entanto, a safra atual foi marcada por clima favorável, bem como o aumento do uso de alto nível tecnológico e bons tratamentos culturais por boa parte dos produtores, o que resultou em produtividades médias elevadas e em algumas regiões acima da média estadual de 149 sacos por hectare. Na Região Sul do Estado, a colheita está encerrada e o rendimento médio obtido foi de 143 sacos por hectare. O clima seco e as altas temperaturas aceleraram a maturação das lavouras, permitindo que os produtores adiantassem a colheita que na região se intensificou na segunda quinzena de fevereiro. Na região do Alto Vale, a colheita está quase encerrada e as lavouras também têm apresentado boa expectativa em relação ao rendimento médio, que pode chegar a 180 sacos por hectare na média da região. No Norte Catarinense a colheita está encerrada e a produtividade média é de 162 sacas por hectare. A produção de arroz em Santa Catarina deverá ser de 1,1 milhões de toneladas, cerca de 6% maior que a do ano safra anterior.

## Feijão

João Rogério Alves  
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa  
[joaoalves@epagri.sc.gov.br](mailto:joaoalves@epagri.sc.gov.br)



Em 2016 os preços do feijão-carioca tiveram as maiores cotações dos últimos anos, o pico de preços ocorreu no mês de junho, quando o preço médio real em Santa Catarina na praça de referência chegou a R\$454,38, na comparação com abril deste ano, a queda foi de 67%. Para a safra atual, o feijão-carioca 1ª, com colheita praticamente encerrada, estima-se que toda safra já tenha sido comercializada, com pouco produto ainda na mão dos produtores, que aproveitaram a boa qualidade do feijão novo (cor de tegumento) para vender sua produção imediatamente após a colheita. Os preços dessa primeira safra oscilaram entre R\$130,00 a R\$150,00/saca, conforme a qualidade. Da mesma forma, o feijão-preto 1ª safra também apresenta colheita praticamente concluída no Estado, com a região de Lages e São José do Cerrito as últimas a colher. Com preço mais estável e sem perdas significativas em qualidade em função de armazenagem, a comercialização segue em ritmo normal, com o produtor vendendo sua produção pelas melhores ofertas, mas com boa parte de sua produção já comercializada. Os preços da saca oscilaram entre R\$170,00 no início da colheita e R\$120,00 como o mais comum na maior parte do período de comercialização.

### Feijão-carioca – Evolução do preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores

Estado	Mar./2017 (R\$)	Abr./2017 (R\$)	Varição mensal (%)
Santa Catarina <sup>(1)</sup>	147,65	135,00	-8,57
Paraná	128,52	130,08	1,21
Minas Gerais	145,56	145,20	-0,25
Espírito Santo	159,00	150,00	-5,66
Bahia	158,40	136,88	-13,59
Goiás	147,80	134,50	-9,00

<sup>(1)</sup> Praça de referência Joaçaba, SC

Fonte: Epagri/Cepa, Conab (dados extraído em 11/05/2017).

Na praça de Joaçaba, SC, referência para o feijão-carioca no Estado, o preço mais comum para a saca de 60kg passou de R\$147,65 em março, para R\$135,00 em abril, queda de 8,57%. Já o produtor de feijão-preto viu os preços permanecerem estáveis. Na praça de referência de Chapecó no mês de março, o produtor recebeu pela saca de 60kg do produto R\$120,00, valor que permaneceu inalterado no mês de abril. No mercado atacadista de São Paulo, na região do Brás, na última semana de abril, o feijão-carioca nota 9,5 foi comercializado a R\$175,00/saca de 60kg, já o nota 8,0 ficou em torno de R\$150,00/saca de 60kg. No Paraná o preço médio pago ao produtor no mês de abril variou positivamente em cerca de 1,21% em relação ao preço médio praticado em março. Nos demais estados, as variações foram negativas: em Minas Gerais variação negativa de 0,25%, no Espírito Santo, menos 5,66% e na Bahia, variação negativa no período de 13,59%. A tendência para os próximos meses é de recuperação nos preços ao produtor, reflexo em parte do aquecimento das vendas no atacado para a região nordeste.

**Feijão-preto – Evolução do preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores**

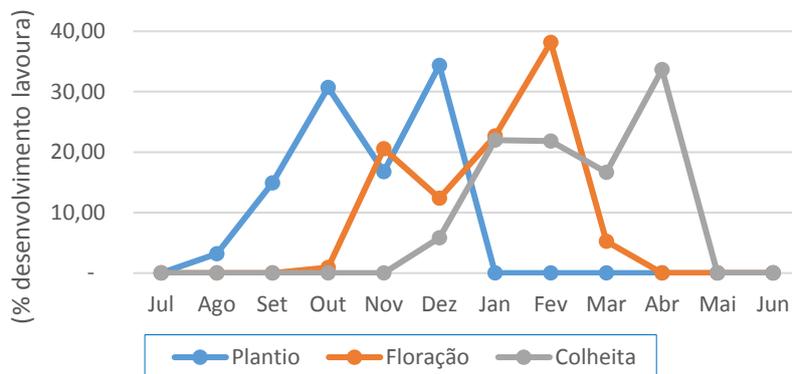
Estado	Mar./2017 (R\$)	Abr./2017 (R\$)	Varição mensal (%)
Santa Catarina <sup>(1)</sup>	120,00	120,00	0,00
Paraná	130,07	128,15	-1,48
Rio Grande do Sul	154,33	146,63	-4,99
Espírito Santo	156,00	165,00	5,77
Rio de Janeiro	163,00	160,00	-1,84
Goiás	177,50	s/inf	-

<sup>(1)</sup> Praça de referência Chapecó, SC

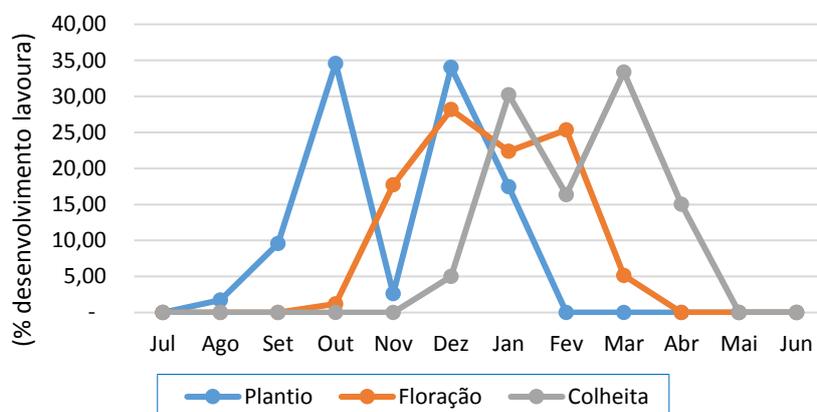
Fonte: Epagri/Cepa, Conab (dados extraído em 11/05/2017).

Para o feijão-preto, o comportamento de preços no mercado atacadista é estável, com variações pouco significativas entre os meses de março e abril. No Rio Grande do Sul, importante estado produtor de feijão-preto, houve queda de 4,99%, e no Paraná, a queda foi de 1,48%. Goiás também apresentou queda de 1,84% na comparação no período. Já o estado do Espírito Santo, segundo dados da Conab, apresentou aumento de 5,77% no preço médio do feijão-preto pago ao produtor.

A safra 2016/2017 de feijão 1ª safra, no que se refere a seu desenvolvimento ao longo do ano, apresentou comportamento bastante normal ao longo das fases de plantio, floração e colheita. Quando comparada à safra passada, pode-se verificar nos gráficos ao lado que nesta safra a diferença das épocas de plantio também ficou bastante evidente na região de Curitiba, Lages e Joaçaba, que têm início mais tarde, por volta de dezembro. Nesta safra a floração mostrou-se muito bem distribuída ao longo do período, diferentemente da safra passada, quando o excesso e chuvas chegou a prejudicar o florescimento. Da mesma forma a fase de colheita apresentou comportamento bastante desejável, com sua conclusão no mês de maio.



**Evolução - Feijão 1ª Safra - 2015/2016**



**Evolução - Feijão 1ª Safra - 2016/2017**

**Feijão 1ª safra – Comparativo de safra 2015/16 e 2016/17**

Microrregião	Safra 2015/16			Estimativa atual Safra 2016/17			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	150	146	970	30	30	1.000	-80	-79	3
Blumenau	328	328	1.000	164	168	1.024	-50	-49	2
Campos de Lages	9.720	19.541	2.010	9.450	19.985	2.115	-3	2	5
Canoinhas	5.570	8.452	1.517	6.160	13.450	2.183	11	59	44
Chapecó	1.746	2.953	1.691	2.386	5.074	2.126	37	72	26
Concórdia	514	527	1.025	400	585	1.463	-22	11	43
Criciúma	345	464	1.312	1.076	1.312	1.219	212	183	-7
Curitibanos	15.600	27.529	1.765	10.595	23.876	2.254	-32	-13	28
Florianópolis	280	370	1.321	140	185	1.321	-50	-50	0
Itajaí	19	22	1.158	7	8	1.143	-63	-64	-1
Ituporanga	500	412	824	931	1.857	1.995	86	351	142
Joaçaba	4.288	7.429	1.733	3.733	7.019	1.880	-13	-6	9
Joinville	28	20	714	14	10	714	-50	-50	0
Rio do Sul	620	444	716	602	992	1.648	-3	123	130
São Bento do Sul	430	540	1.256	445	838	1.883	3	55	50
São M. do Oeste	992	1.427	1.439	1.297	2.658	2.049	31	86	42
Tabuleiro	970	1.088	1.122	400	442	1.105	-59	-59	-1
Tijucas	468	621	1.327	264	426	1.614	-44	-31	22
Tubarão	1.002	1.357	1.354	1.057	1.503	1.422	5	11	5
Xanxerê	4.855	10.521	2.167	7.035	16.658	2.368	45	58	9
<b>Santa Catarina</b>	<b>48.434</b>	<b>84.190</b>	<b>1.738</b>	<b>46.186</b>	<b>97.076</b>	<b>2.102</b>	<b>-5</b>	<b>15</b>	<b>21</b>

Fonte: Epagri/Cepa, IBGE/LSPA - SC (abr./2017).

Em Santa Catarina, nossos dados de acompanhamento de safra mostram que até o final de abril já havia sido colhido cerca de 97,5% da área destinada ao plantio de feijão 1ª safra. Estimamos que nesta safra a produção será em torno de 15% superior à safra passada, o que representa um volume de aproximadamente 13 mil toneladas a mais de feijão 1ª safra. Em relação ao rendimento, a safra 2016/17 foi considerada excelente, com um rendimento médio 21% superior em relação à safra passada, passando das 29 sacas/ha, para cerca de 35 sacas/ha do feijão 1ª safra.

**Feijão 2ª safra – Comparativo de safra 2015/16 e 2016/17**

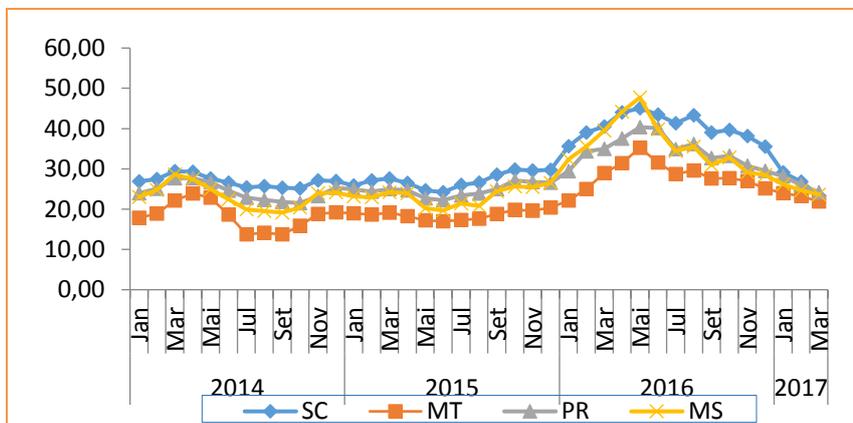
Microrregião	Safra 2015/16			Estimativa atual Safra 2016/17			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	781	804	1.030	717	722	1.007	-8	-10	-2
Canoinhas	4.250	7.581	1.784	4.710	8.400	1.783	11	11	0
Chapecó	2.636	4.138	1.570	2.248	3.582	1.593	-15	-13	1
Concórdia	39	44	1.128	64	98	1.523	64	122	35
Criciúma	3.048	3.742	1.228	3.377	3.813	1.129	11	2	-8
Ituporanga	1.405	2.993	2.130	1.465	2.168	1.480	4	-28	-31
Rio do Sul	809	1.460	1.805	629	942	1.498	-22	-35	-17
São Bento do Sul	80	96	1.200	220	264	1.200	175	175	0
São M. do Oeste	1.540	2.673	1.736	2.265	3.798	1.677	47	42	-3
Tubarão	1.591	1.858	1.168	1.490	1.599	1.073	-6	-14	-8
Xanxerê	9.020	18.492	2.050	9.220	18.207	1.975	2	-2	-4
<b>Santa Catarina</b>	<b>25.199</b>	<b>43.881</b>	<b>1.741</b>	<b>26.405</b>	<b>43.593</b>	<b>1.651</b>	<b>5</b>	<b>-1</b>	<b>-5</b>

Fonte: Epagri/Cepa (abr./2017).

Com 100% da área destinada ao plantio do feijão 2ª safra 2016/17 já semeados, nossa estimativa neste mês é de que teremos um aumento em área plantada de cerca de 5% em relação à safra passada. Em relação a produção, pequena redução de 1%. Até o último dia 29/04, nossos levantamentos apontavam para um percentual de cerca de 53,7% da área plantada em fase de floração, nessa fase do desenvolvimento da cultura o que preocupa os produtores são as baixas temperaturas, condição climática que pode interferir no desenvolvimento das lavouras que foram semeadas mais tarde. Até o momento, com apenas de 3,3% da área cultivada colhida, a produtividade estimada está em torno de 1.650kg/ha, recuo de 5% em relação à obtida na safra passada.

## Milho

Glauca de Almeida Padrão  
Economista, Dra. – Epagri/Cepa  
[glauciapadrao@epagri.sc.gov.br](mailto:glauciapadrao@epagri.sc.gov.br)

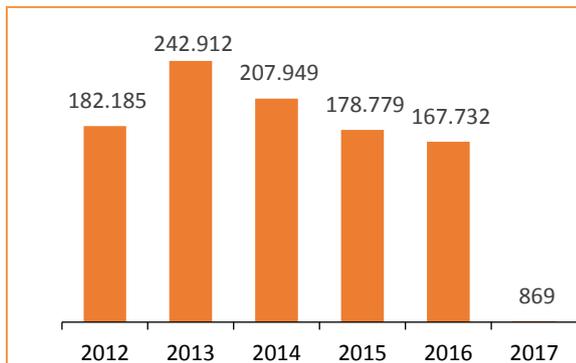


Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink.

**Milho – Evolução do preço médio mensal real ao produtor em Santa Catarina, Mato Grosso, Paraná, Mato Grosso do Sul – 2014-17**

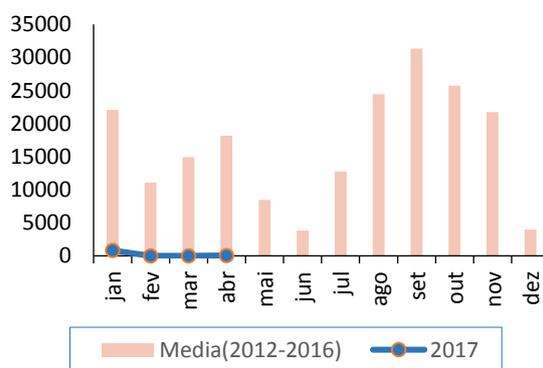
Os preços do milho grão em abril de 2017 nos principais estados produtores continuaram a trajetória de queda. Em média os preços nos estados de Mato Grosso, Paraná e Mato Grosso do Sul reduziram 11% em relação ao mês anterior, com destaque para Mato Grosso do Sul, onde essa variação foi de -16% aproximadamente. Em Santa Catarina, a queda percentual nos preços foi menor, -1,57%, mas também continuou a tendência observada desde meados de 2016, fechando em R\$23,00 a saca de 60kg na praça de

Chapecó (praça referência no estado). Segundo dados do USDA, a safra mundial de milho estimada em 2016/17 é 1.065,11 bilhão de toneladas, sendo 96 milhões de toneladas para o Brasil. Diante da expressividade da safra, os preços sofreram pressão de baixa desde meados de 2016. Ademais, no Brasil, a expectativa de uma segunda safra do grão marcada por problemas climáticos não tem se confirmado. Outro fator que pressiona os preços para baixo é o comportamento do mercado externo que tem apresentado variações negativas seguidas, diante do aumento dos estoques divulgado pelo USDA. Em Santa Catarina, a safra de milho também registrou números significativos e com boa qualidade dos grãos, e embora represente um mercado inexpressivo no que se refere ao mercado externo, registrou exportações de 869 toneladas no acumulado de janeiro a abril de 2017. Comparativamente à média observada nos últimos cinco anos, o volume exportado acumulado é atípico, principalmente considerando o ano de 2016, cujos preços elevados no mercado externo impulsionaram as exportações que totalizaram 168 mil toneladas no referido ano.



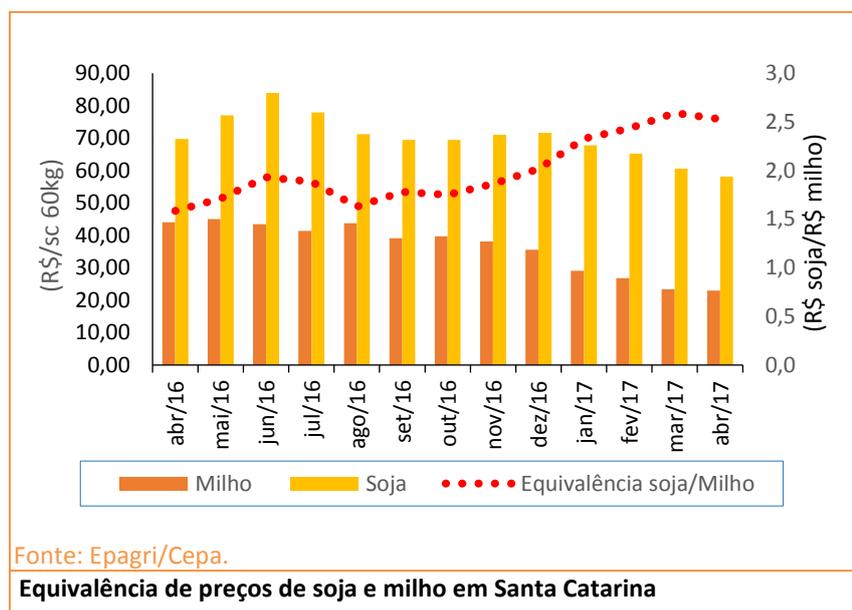
Fonte: Secex/MDIC.

**Exportações catarinenses de milho em grão e semente (2012-16) – em toneladas**



Fonte: Secex/MDIC.

**Exportações mensais catarinenses de milho em grão e semente – em toneladas**



A trajetória de queda dos preços do milho no estado, também foi observada nos preços da soja, embora em menor medida. A soja é a principal concorrente do milho em área, de forma que alterações nos preços que alterem a relação de equivalência de preços dos dois grãos podem levar a uma troca de área de um grão pelo outro. No estado de Santa Catarina, relações de equivalência entre os preços de milho e soja acima de 2,3, considerando os custos de produção e rentabilidade, são favoráveis ao sojicultor. No mês de abril de 2017 essa relação foi de

2,53, ou seja, favorável ao sojicultor. Comparativamente ao mesmo mês de 2016 essa relação de equivalência foi de 1,58, o que era favorável ao produtor de milho. Analisando o comportamento dos preços dos dois grãos, observa-se que naquele período os preços do milho estavam valorizados e estáveis, o que levou alguns produtores a migrar áreas destinadas à produção de soja para a produção de milho, embora esse não tenha sido o fator preponderante.

**Milho Grão Total – Acompanhamento da safra 2016/17 – Santa Catarina**

Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 (estimativa atual)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	7.516	40.135	5.340	8.048	32.781	4.073	7,08	-18,32	-23,72
Blumenau	1.673	6.400	3.825	1.567	5.967	3.808	-6,34	-6,77	-0,46
Campos de Lages	35.500	233.622	6.581	35.310	260.946	7.390	-0,54	11,70	12,30
Canoinhas	30.500	266.270	8.730	32.100	304.670	9.491	5,25	14,42	8,72
Chapecó	61.314	530.621	8.654	63.499	603.620	9.506	3,56	13,76	9,84
Concórdia	31.140	211.666	6.797	26.180	212.958	8.134	-15,93	0,61	19,67
Criciúma	7.833	47.141	6.018	8.226	48.648	5.914	5,02	3,20	-1,73
Curitibanos	19.848	182.149	9.177	21.608	225.343	10.429	8,87	23,71	13,64
Florianópolis	619	2.299	3.714	619	2.299	3.714	0,00	0,00	0,00
Itajaí	54	199	3.685	53	196	3.698	-1,85	-1,51	0,35
Ituporanga	10.080	61.600	6.111	11.120	78.125	7.026	10,32	26,83	14,96
Joaçaba	55.552	443.751	7.988	59.684	595.421	9.976	7,44	34,18	24,89
Joinville	390	1.284	3.292	340	1.160	3.412	-12,82	-9,66	3,63
Rio do Sul	19.450	111.432	5.729	20.930	129.932	6.208	7,61	16,60	8,36
São Bento do Sul	5.500	44.750	8.136	5.000	35.200	7.040	-9,09	-21,34	-13,47
São Miguel do Oeste	45.640	282.792	6.196	48.310	383.958	7.948	5,85	35,77	28,27
Tabuleiro	3.505	11.968	3.415	3.457	11.801	3.414	-1,37	-1,40	-0,03
Tijucas	1.690	6.237	3.691	1.705	6.764	3.967	0,89	8,45	7,50
Tubarão	6.381	37.431	5.866	5.595	27.171	4.856	-12,32	-27,41	-17,21
Xanxerê	23.500	207.534	8.831	27.300	271.116	9.931	16,17	30,64	12,45
<b>Santa Catarina</b>	<b>367.685</b>	<b>2.729.281</b>	<b>7.423</b>	<b>377.901</b>	<b>3.249.990</b>	<b>8.600</b>	<b>2,78</b>	<b>19,08</b>	<b>15,86</b>

Fonte: Epagri/Cepa.

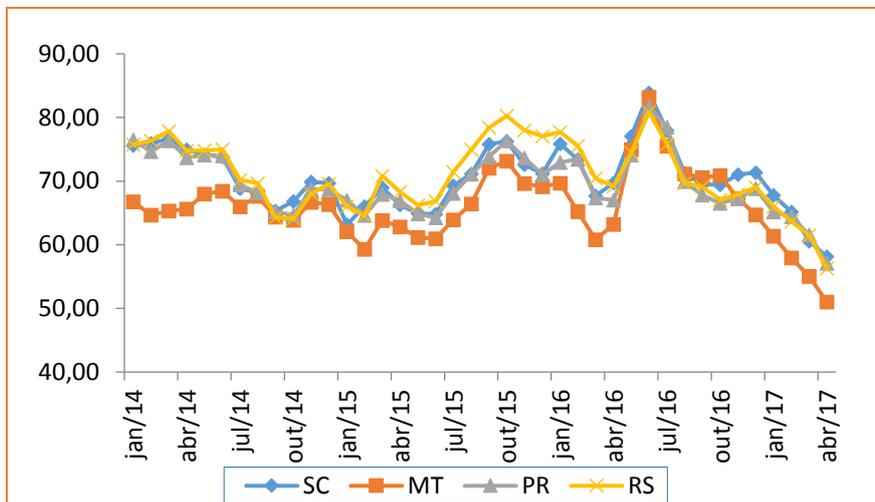
Milho Silagem – Acompanhamento da safra 2016/17 – Santa Catarina									
Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 (Estimativa atual)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	4.870	156.845	32.206	4.937	159.360	32.279	1,38	1,60	0,22
Blumenau	1.797	69.865	38.879	1.824	70.895	38.868	1,50	1,47	-0,03
Campos de Lages	5.320	220.250	41.400	5.110	249.750	48.875	-3,95	13,39	18,05
Canoinhas	3.800	140.000	36.842	4.150	163.000	39.277	9,21	16,43	6,61
Chapecó	58.800	2.416.709	41.100	57.100	2.517.700	44.093	-2,89	4,18	7,28
Concórdia	18.280	737.800	40.361	26.530	970.400	36.577	45,13	31,53	-9,37
Criciúma	3.574	141.177	39.501	3.708	146.450	39.496	3,75	3,74	-0,01
Curitibanos	2.550	99.680	39.090	2.550	138.450	54.294	0,00	38,89	38,89
Florianópolis	326	13.510	41.442	331	13.700	41.390	1,53	1,41	-0,13
Itajaí	60	1.800	30.000	61	1.827	29.951	1,67	1,50	-0,16
Ituporanga	2.580	108.800	42.171	2.350	95.000	40.426	-8,91	-12,68	-4,14
Joaçaba	15.100	661.100	43.781	15.520	922.650	59.449	2,78	39,56	35,79
Rio do Sul	14.830	527.010	35.537	14.680	542.550	36.958	-1,01	2,95	4,00
São Bento do Sul	-	-	-	610	34.900	57.213	-	-	-
São Miguel do Oeste	47.190	1.613.840	34.199	47.905	1.887.025	39.391	1,52	16,93	15,18
Tabuleiro	1.320	70.950	53.750	1.339	71.998	53.770	1,44	1,48	0,04
Tijucas	2.470	71.020	28.753	2.506	72.050	28.751	1,46	1,45	-0,01
Tubarão	10.596	390.870	36.888	10.719	366.734	34.213	1,16	-6,17	-7,25
Xanxerê	17.120	749.300	43.768	16.620	798.700	48.057	-2,92	6,59	9,80
<b>Santa Catarina</b>	<b>210.583</b>	<b>8.190.526</b>	<b>38.895</b>	<b>218.450</b>	<b>9.234.639</b>	<b>42.273</b>	<b>3,74</b>	<b>12,75</b>	<b>8,69</b>

Fonte: Epagri/Cepa.

A estimativa atual da safra de milho em Santa Catarina para 2016/17 aponta para uma variação de 2,78% em relação à safra anterior, um pouco menor que o relatório apresentado no último mês. No entanto, com o avanço da colheita, que segue confirmando as boas expectativas em relação à produtividade esperada (15,86% maior) para o grão no Estado, a produção deverá ser 19,08% maior em relação à safra anterior. A área plantada estimada em abril de 2017 é de 378 mil hectares e produção de 3,2 milhões de toneladas. A produtividade média estimada é de 8,6 toneladas por hectare, mas regiões como Curitibanos, Joaçaba, Canoinhas, Chapecó, Concórdia e Xanxerê apresentaram produtividade média acima da média estadual. Além da condição climática favorável ao longo de toda a safra, o uso de alta tecnologia na produção proporcionou produtividades elevadas e, conseqüentemente, maior produção na safra. Atualmente, 91,25% da área plantada de milho na primeira safra foi colhido, e 99,79% do milho 2ª safra já foi semeado no Estado. O milho destinado à produção de silagem também apresentou crescimento em relação ao ano safra anterior. Observa-se incremento de 3,74% na área plantada e 12,75% na produção, resultando em 218 mil hectares e 9,23 milhões de toneladas. Atualmente cerca de 97% da área destinada à produção de silagem já foi colhida.

## Soja

Glauca de Almeida Padrão  
Economista, Dra. – Epagri/Cepa  
[glauciapadrao@epagri.sc.gov.br](mailto:glauciapadrao@epagri.sc.gov.br)

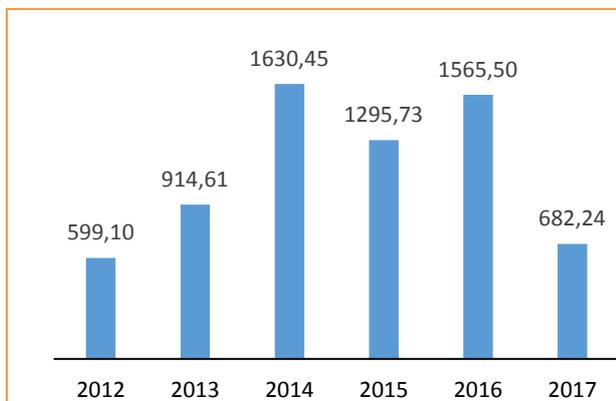


Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink (MT, PR, RS).

**Soja – Preço médio real mensal de soja em grão ao produtor, Santa Catarina – 2014 a 2017**

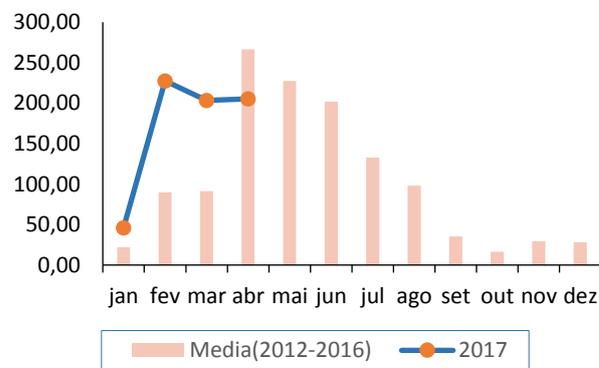
Em abril de 2017 os preços da soja em grão continuaram caindo nos principais estados produtores. Esse comportamento tem sido observado desde meados de 2016 e fecharam em R\$58,12 em Santa Catarina, enquanto no Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul os preços foram, respectivamente, R\$51,00, R\$57,08 e R\$56,29 no mês de abril. Em comparação com o mês de março os preços nos principais estados produtores reduziram em 7,7%, enquanto em Santa Catarina essa redução foi de 4,01%. No comparativo com o mesmo mês

no ano passado, a variação média nos principais estados produtores (MT, PR e RS) foi de -17,6% enquanto Santa Catarina apresentou variação de -16,67%. A safra expressiva tanto para o Brasil como para os demais países produtores têm reforçado a tendência de queda dos preços. Em Santa Catarina, embora a participação na produção nacional seja pouco expressiva, a boa expectativa para a safra também tem gerado efeitos sobre os preços. As condições climáticas favoráveis observadas em quase todas as regiões produtoras, permitiu que boas produtividades fossem observadas em todo o estado. Ademais, a safra mundial estimada pelo United States Department of Agriculture (USDA) também foi ajustada para 348,04 milhões de toneladas no último relatório divulgado, das quais 111,6 milhões de toneladas serão provenientes do Brasil. Esse aumento de oferta mundial e, em especial, no Brasil, resulta em redução dos preços, embora o avanço mais lento da comercialização no Brasil venha evitando uma queda ainda mais brusca nos preços.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

**Soja – Acumulado das exportações da soja em grão e semente de Santa Catarina (2012 a 2017), em mil toneladas**



Fonte: MDIC/Aliceweb.

**Soja – Exportações mensais da soja em grão de Santa Catarina (2012 a 2017), em mil toneladas**

As exportações catarinenses, que vinham se mostrando acima da média mensal dos últimos cinco anos, no mês de abril ficaram abaixo da média, fechando em 205,7 mil toneladas. Embora as exportações mensais tenham ficado abaixo da média dos últimos cinco anos, o volume exportado no acumulado de janeiro a abril foi cerca de 22% maior que o volume exportado no mesmo período de 2016. No acumulado de janeiro a abril de 2017 foram exportadas 682,24 mil toneladas, destinadas principalmente a China, Rússia, Coreia do Sul e Tailândia.

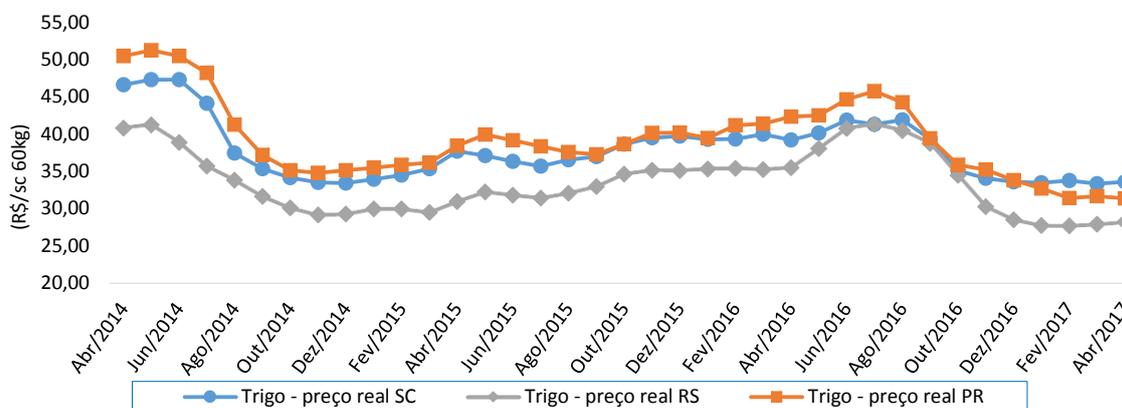
<b>Soja – Santa Catarina – acompanhamento da safra 2016/17</b>									
Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 - Estimativa atual			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
C. de Lages	60.430	201.440	3.333	59.700	197.690	3.311	-1,21	-1,86	-0,66
Canoinhas	133.320	456.456	3.424	131.600	501.870	3.814	-1,29	9,95	11,39
Chapecó	91.575	262.779	2.870	90.110	283.945	3.151	-1,60	8,05	9,81
Concórdia	4.235	13.290	3.138	5.805	20.774	3.579	37,07	56,31	14,03
Curitibanos	103.645	358.894	3.463	107.180	446.876	4.169	3,41	24,51	20,41
Ituporanga	6.350	21.265	3.349	7.690	27.746	3.608	21,10	30,48	7,74
Joaçaba	57.905	207.558	3.584	57.010	237.675	4.169	-1,55	14,51	16,31
Rio do Sul	3.375	10.941	3.242	3.935	13.589	3.453	16,59	24,20	6,53
São B. do Sul	10.400	34.320	3.300	15.000	49.900	3.327	44,23	45,40	0,81
S. M. do Oeste	36.270	108.882	3.002	42.590	132.995	3.123	17,42	22,15	4,02
Xanxerê	140.000	448.763	3.205	138.650	489.143	3.528	-0,96	9,00	10,06
<b>Santa Catarina</b>	<b>647.505</b>	<b>2.124.588</b>	<b>3.281</b>	<b>659.270</b>	<b>2.402.202</b>	<b>3.644</b>	<b>1,82</b>	<b>13,07</b>	<b>11,05</b>

Fonte: Epagri/Cepa.

Em Santa Catarina a produção esperada para a safra 2016/17 é de 2,4 milhões de toneladas em uma área de 659 mil hectares. Essa estimativa foi revisada em relação ao último relatório e aponta para um crescimento de área de 1,82% em relação à safra anterior. As condições climáticas favoráveis e homogêneas em grande parte da área produtiva do Estado resultaram em produtividade média de 3,6 toneladas por hectare, cerca de 11% acima da obtida na safra 2015/16. Essa combinação de aumento da área e da produtividade resultou em produção 13% maior em relação à safra anterior. Atualmente cerca de 97% da área plantada de soja em Santa Catarina já foi colhida e segue confirmando a expectativa de uma safra expressiva para este ano. Regiões como Curitibanos, Joaçaba e Canoinhas apresentaram produtividades acima da média estadual e os relatos são de que a qualidade dos grãos está ótima.

## Trigo

João Rogério Alves  
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa  
[joaoalves@epagri.sc.gov.br](mailto:joaoalves@epagri.sc.gov.br)



Nota: preços corrigidos pelo IGP-DI (Abril/2017 = base 100).

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Conab (RS e PR).

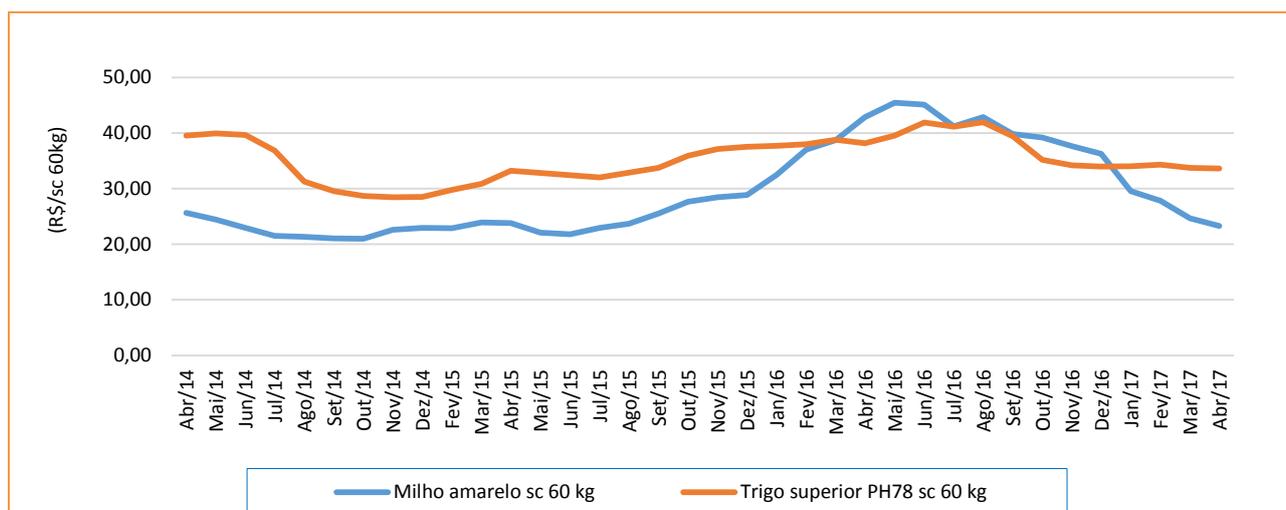
### Trigo Grão – Evolução do preço médio mensal real pago ao produtor – SC, PR e RS (abr./2014 a abr./2017)

O comportamento do preço real do trigo na comparação de abril/17 com abril/16, ano em que o produto obteve excelentes cotações, apresentou perdas reais na ordem de 14,3%. Nos outros dois estados produtores de trigo, Rio Grande do Sul e Paraná, as perdas reais neste período foram de 20,6% e 25,9%, respectivamente. Essas perdas tiveram comportamento idêntico nos três estados, demonstrando que o setor tritícola passa por um período bastante conturbado, reflexo em parte de excedentes mundiais do cereal e da excelente safra que colhemos recentemente, aspectos que contribuíram para a queda nos preços do trigo nacional.

Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor safra 2016/17 – R\$/saca de 60kg			
Estado	Mar./2017	Abr./2017	variação (%)
Santa Catarina	33,75	33,60	-0,44
Paraná	32,05	31,39	-2,06
Rio Grande do Sul	28,23	28,18	-0,18
Goiás	31,08	25,00	-19,56
Minas Gerais	48,58	s/inf.	
Mato Grosso do Sul	30,80	29,00	-5,84

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Conab (PR,RS,GO,MG e MS).

Em Santa Catarina, em termos nominais, o preço do trigo grão pago ao produtor voltou a cair no mês de abril, na comparação com o mês de março a redução foi de 0,44%, em março o preço da saca de 60kg ficou cotado em R\$33,75, contra R\$33,60 pago no mês de abril. Em relação ao preço mínimo fixado pelo Governo Federal, que é de R\$38,65/saca de 60kg, a diferença ficou menor em cerca de 12,6%. Nos estados do Região Sul o mercado de trigo permaneceu estável, com pequena redução nos preços pagos ao produtor. No Paraná e Rio Grande do Sul a redução nos preços foi de 2,06% e 0,18%, respectivamente. Neste último mês, segundo a Conab, um dos estados que apresentaram maior variação negativa no preço pago ao produtor foi Goiás, com queda de aproximadamente 19,56%.



Fonte: Epagri/Cepa.

**Trigo Grão – Relação do preço médio mensal monimal pago ao produtor para o trigo e milho – Santa Catarina (abr./2014 a abr./2017)**

Em Santa Catarina, o preço do milho está cerca de 30% abaixo do preço do trigo, uma diferença que não estimula a substituição de milho por trigo. Assim, as fábricas de ração não têm nenhuma vantagem em substituir milho por trigo, não justificando sua aquisição para a fabricação de ração animal.

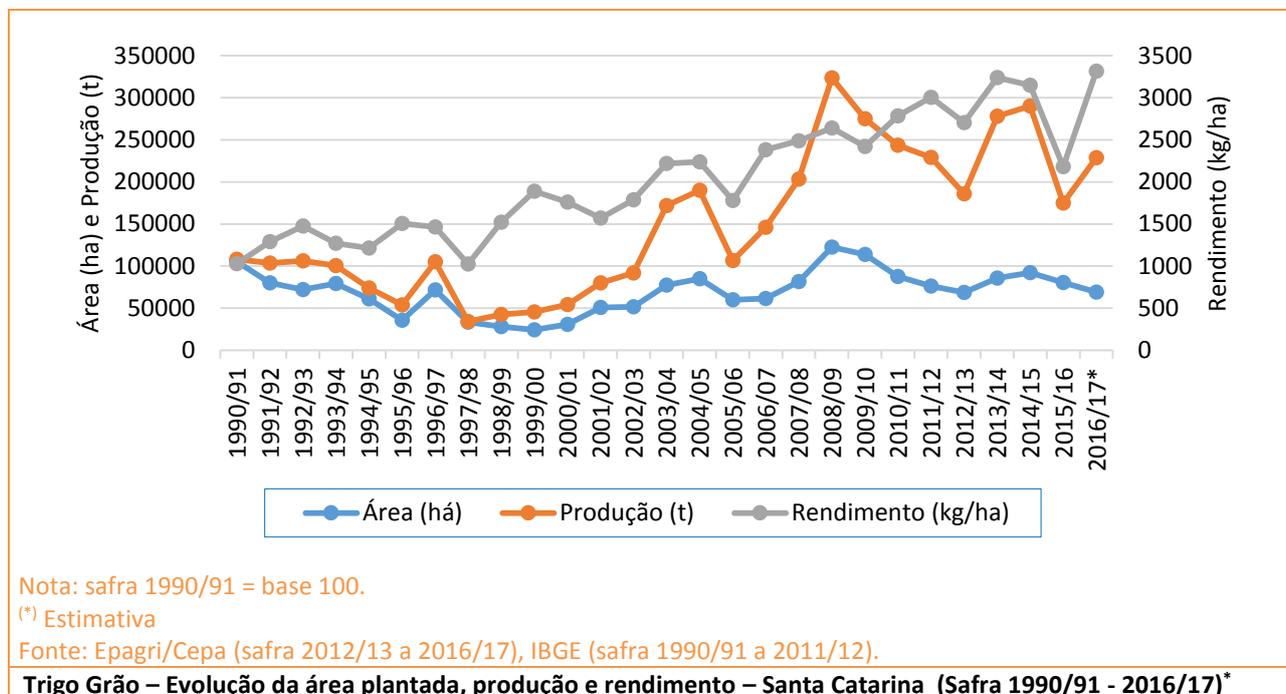
**Trigo Grão – Comparativo de safra 2015/16 e estimativa atual da safra 2016/17**

Microrregião	Safra 2015/16			Estimativa atual Safra 2016/17			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	1.600	4.520	2.825	1.700	6.030	3.547	6	33	26
Canoinhas	17.380	26.874	1.546	14.900	54.474	3.656	-14	103	136
Chapecó	18.360	41.612	2.266	16.610	46.491	2.799	-10	12	23
Concórdia	793	2.091	2.635	622	1.742	2.800	-22	-17	6
Curitibanos	11.375	25.080	2.205	10.648	44.486	4.178	-6	77	89
Ituporanga	1.330	876	659	1.585	4.128	2.604	19	371	295
Joaçaba	6.580	14.319	2.176	4.790	18.590	3.881	-27	30	78
Rio do Sul	500	659	1.318	445	1.045	2.348	-11	59	78
São Bento do Sul	220	396	1.800	250	843	3.372	14	113	87
São M. do Oeste	5.935	16.892	2.846	2.295	7.325	3.192	-61	-57	12
Xanxerê	15.645	41.666	2.663	15.175	43.719	2.881	-3	5	8
<b>Santa Catarina</b>	<b>79.718</b>	<b>174.985</b>	<b>2.195</b>	<b>69.020</b>	<b>228.872</b>	<b>3.316</b>	<b>-13</b>	<b>31</b>	<b>51</b>

Fonte: Epagri/Cepa (abr./2017).

Santa Catarina deverá colher na safra 2016/17 cerca de 229 mil toneladas de trigo de excelente qualidade, mesmo com redução da área plantada em aproximadamente 13%. Com condições climáticas favoráveis, o rendimento médio estimado certamente será recorde, algo em torno de 3.316 kg/ha. Segundo a Conab, praticamente todo trigo produzido em solo catarinense é industrializado e consumido no próprio Estado, tendo como destino padarias, confeitarias e consumo doméstico. Boa parte do trigo do Estado já é cultivado com produção segregada, ou seja, são utilizados cultivares de trigo que irão produzir trigos com características definidas e desejadas pelo setor agroindustrial (moinhos).

Dados da Associação Brasileira da Indústria de Trigo (Abitrigo) estimam que na safra 2015/16 a produção estadual de trigo grão contribuiu com cerca de 40% de todo trigo moído (processado) em Santa Catarina, que foi de 445 mil toneladas. Essa capacidade de moagem de trigo das agroindústrias catarinenses representa cerca de 4,04% de todo trigo moído no País, que foi de cerca de 11 milhões de toneladas. Atualmente o parque de agroindústrias de moinhos de trigo catarinense, segundo dados do Sinditrigo/SC, é de 22 moinhos em atividade e 7 moinhos paralisados, localizados em sua maioria nas regiões Oeste e Meio-Oeste.



Nos últimos 26 anos a cultura do trigo em Santa Catarina sofreu grandes transformações que podem ser atribuídas a fatores que, em maior ou menos grau, contribuíram para a realidade que hoje vivenciamos. Um desses aspectos diz respeito às mudanças climáticas nas últimas décadas e à instabilidade climática ao longo do ano e entre os anos, que tem prejudicado a cultura do trigo. Como é sensível ao excesso de chuvas, sobretudo no período de colheita, a planta ainda é vulnerável ao ataque de pragas e doenças, o que motiva produtores a abandonar a atividade. No período analisado, a área plantada no Estado passou de 105.521ha para 69.020ha, redução de cerca de 34,6%. Já a produção passou de 108,288t para 228.872t, aumento de 111,3%. Nesse período, houve também o aprimoramento genético com a seleção de variedades mais produtivas e a intensificação do uso de insumos, fatores que contribuíram para o aumento no rendimento médio da cultura, que no período analisado passou de 1.026kg/ha para 3.316kg/ha, aumento de aproximadamente 223,2%.

## Produtos vegetais

### Mandioca

Haroldo Tavares Elias  
 Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epaagri/Cepa  
[htelias@epagri.sc.gov.br](mailto:htelias@epagri.sc.gov.br)

A produção de mandioca no Brasil, praticamente se estabilizou na média de 23 milhões de toneladas nas últimas safras. Entretanto, na safra atual houve uma redução significativa em nível nacional (Tabela 1), decorrente do grande contingente de mão de obra empregada. As secas nos estados do Nordeste e as oscilações nos preços que se repetem a cada 3 ou 4 anos. Estes fatores têm motivado muitos produtores a optarem por culturas mecanizáveis e que sejam de ciclos mais curtos, como a soja e o milho.

Com uma área plantada de cerca de 22,4 mil hectares e produção anual de 442 mil toneladas, Santa Catarina figura como o 13º produtor nacional de mandioca, mas fica em quinto lugar quando o assunto é produtividade, atingindo 19,7 toneladas por hectare.

Da produção total, considerando a safra 2017 com 22.400/ha, estima-se que 100 mil toneladas sejam destinadas à fabricação da farinha, 100 mil toneladas para produção de polvilho e fécula e 242 mil toneladas consumidas *in natura*, na alimentação animal e humana.

**Tabela 1. Mandioca - levantamento sistemático da produção. Área plantada, área colhida e produção, por ano da safra e produto**

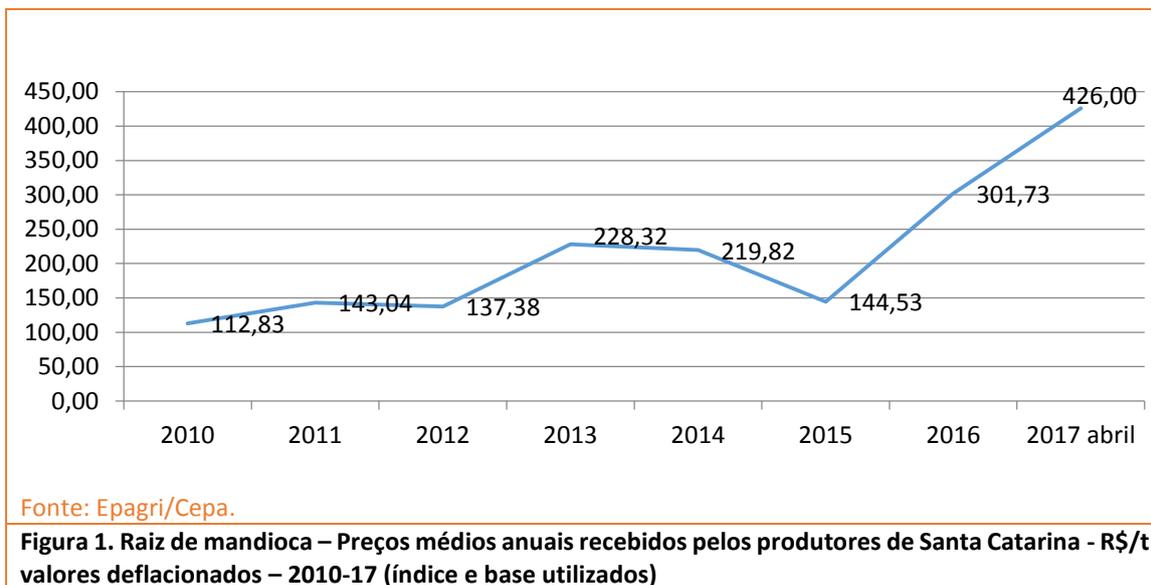
	Área colhida ( 1.000ha)			Produção (1.000 t)			Rendimento (t/ha)		
	2016	2017	Variação	2016	2017	Variação	2016	2017	Variação
<b>Brasil</b>	1 463	1 422	-2,9	23 004	20 796	-9,6	15,7	14,6	-6,9
<b>Santa Catarina</b>	20,7	22,4	8,2	385	442	14,8	18,6	19,8	6

Fonte: IBGE - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, abr./2017.

A quantidade produzida permanece praticamente estável nos últimos anos, muito em função da elevação dos níveis de produtividade, que de 1990 para 2017 teve elevação em torno de 2.000 kg/ha (Figura 1). Contudo, o rendimento médio de mandioca no Brasil ainda é baixo, em torno de 15 t/ha. Em Santa Catarina a produtividade está alcançando 20 toneladas, bem acima da média nacional.

No Brasil, apesar de importante avanço nas pesquisas, resultando em melhorias nas produtividades agrícolas e nos produtos industrializados, a produção de mandioca após algumas reduções se estabilizou na faixa dos 23 milhões de toneladas<sup>1</sup>. Vale lembrar que no ano de 1970 a produção brasileira havia atingido cerca de 30 milhões de toneladas (DERAL, 2016) e que, por isso, ainda existe potencial a ser desenvolvido. Embora a pesquisa tenha apresentado novos cultivares com produtividade de 25 a 30 t/ha, para que esse potencial seja atingido é necessário que as boas práticas sejam incorporadas na produção.

<sup>1</sup> <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1612#resultado>.



Os preços dos subprodutos acompanharam desde 2015 a elevação dos preços da mandioca, registrando elevações significativas em 2016 e 2017. Em abril a farinha grossa obteve seu preço atual entre R\$90,00 e R\$100,00/sc 50kg (indústria) e a farinha fina R\$120,00/sc 50kg (indústria). Referente à fécula, no Paraná, maior produtor brasileiro, comercializa-se por R\$2,60 a R\$2,80/Kg (indústria). Cabe registrar que se por um lado a produção de farinha catarinense utiliza basicamente raízes produzidas no Estado, por outro, na produção de derivados da fécula, parte dessas raízes vem de outros centros produtores, como o Paraná, maior produtor de fécula do Brasil.

## Hortaliças

### Alho

---

Jurandi Teodoro Gugel  
Engenheiro-agrônomo - Epaagri/Cepa  
[jurandgugel@epagri.sc.gov.br](mailto:jurandgugel@epagri.sc.gov.br)

#### A Safra Catarinense de Alho está na fase final da comercialização

Santa Catarina é o principal produtor nacional de alho com aproximadamente 2.400ha de área plantada na safra 2016/17, cuja produção fora estimada em mais de 20 mil toneladas. As condições climáticas e o nível tecnológico das lavouras no Estado contribuíram para termos uma safra extraordinária em produtividade e qualidade dos bulbos. Essa condição permitiu a produtores e cooperativas enfrentar com maior tranquilidade a dinâmica de comercialização da safra.

Março e abril foram meses de recuperação de preços e também do ritmo de comercialização do produto catarinense, contribuindo para melhores resultados econômicos a produtores e cooperativas do setor. Essa conjuntura fora protagonizada, dentre outras condicionantes, pela China, que tem reduzido a oferta de alho ao mercado, desde o ano passado.

A comercialização da safra de alho catarinense já ultrapassou os 95% do volume produzido. O preço pago ao produtor atingiu no mês de abril até R\$ 5,50/Kg acima da classe, dependendo da classificação, da qualidade do alho e dos demais componentes de preparo e acondicionamento do produto.

De forma geral, a safra de alho em Santa Catarina está sendo considerada por produtores, cooperativas, técnicos e extensionistas como uma safra ímpar e das melhores dos últimos anos. Esses resultados estão contribuindo na avaliação de que a safra 2017/18 terá bons investimentos em tecnologia por parte dos produtores, fortalecidos pelo bom retorno econômico da atividade. Concernente a essa conjuntura da cultura em Santa Catarina, a informação, segundo nossos colaboradores, técnicos de campo, cooperativas e produtores, é que para a próxima safra cujo plantio se inicia, deverá ter um incremento mínimo de 5% na área a ser plantada comparando-se à safra 2016/17. Nas próximas edições deste Boletim será possível analisar a estimativa com mais elementos e informações, permitindo ajuste gradual à realidade do campo.

Deve-se considerar, todavia, que a produção de alho é uma atividade com alto custo de implantação e custeio da lavoura, puxado especialmente pelo custo do alho “semente”, além dos demais insumos, evidentemente. Essa especificidade da cultura, de certa forma, inibe os chamados “aventureiros” de safra que, entram na produção “esporadicamente” após um ano-safra com resultados positivos como neste ano. Assim, vale lembrar que produzir alho ocasionalmente, em lavouras sem conhecimento técnico específico, infraestrutura nas propriedades e escassa relação com o mercado é uma decisão de alto risco.

**Tabela 1. Importações de Alho pelo Brasil - Primeiro Quadrimestre 2016 e janeiro a abril 2017**

País	2016 (Jan-abril)		Janeiro/17		Fevereiro /17		Março/17		Abril/17	
	U\$\$	(t)	U\$\$	(t)	USS	(t)	U\$\$	(t)	USS	(t)
Argentina	67.860.606	32.309,6	24.910.912,00	9.788,30	20.261.267,00	8.491,48	28.694.812,00	11.579,20	18.713.117,00	6.847,8
Chile	1.470.678	693,78	2.576.26500	916,86	1.216.960,00	420,00	1.263.325,00	448,80	1.615.445,00	535,2
China	44.677.987	32.004,86	3.372.283,00	1.585,00	2.062.513,00	976,55	1.560.809,00	695,05	9.332.635	4.835,5
Taiwan	384.379	419.500	59.268,00	49,00	59.280,00	49,00	59.284,00	49,00	-	-
Espanha	130.891	115.500	110.980,00	42,00	56.838,00	21,00	00,00	00,00	397.928,00	161,7
Peru	879.931	438.830	573.632,00	227,70	139.619,00	48,00	66.900,00	24,00	-	-
Vietnã	28.841	00,00	28.841,00	25,98	00,00	00,00	00,00	00,00	-	-
<b>Total</b>	<b>115.404.472</b>	<b>65.982.080</b>	<b>31.632.181,00</b>	<b>12.634,48</b>	<b>23.796.477,00</b>	<b>10.006,03</b>	<b>31.645.130,00</b>	<b>12.796,05</b>	<b>30.059.143,00</b>	<b>12.379,9</b>

Fonte: Sistema Alice/MDIC 12/05/2017.

Conforme a Tabela 1, acima, no primeiro quadrimestre do corrente ano, comparativamente ao mesmo período do ano de 2016, as importações decresceram 27,53% em volume, significando 18.165 toneladas a menos, mas com um aumento no custo de internalização do produto de aproximadamente U\$\$2,0 milhões. *Grosso modo*, o custo de internalização do alho passou de U\$\$1,75/kg para U\$\$2,45/kg no período comparado. Essa condição de mercado favoreceu positivamente os produtores brasileiros e catarinenses na safra 2016/17.

Em relação aos países fornecedores de alho ao Brasil, no período considerado, a Argentina teve participação de 76,76% de volume, China de 16,92% e Chile de 4,85%. Esses três países perfizeram 98,53% do total importado. Os demais países participaram com pouco mais de 1,47% do total.

## Cebola

Jurandi Teodoro Gugel  
Eng. Agrônomo - Epagri/Cepa  
[jurandgugel@epagri.sc.gov.br](mailto:jurandgugel@epagri.sc.gov.br)

### Comercialização de cebola praticamente finalizada em Santa Catarina

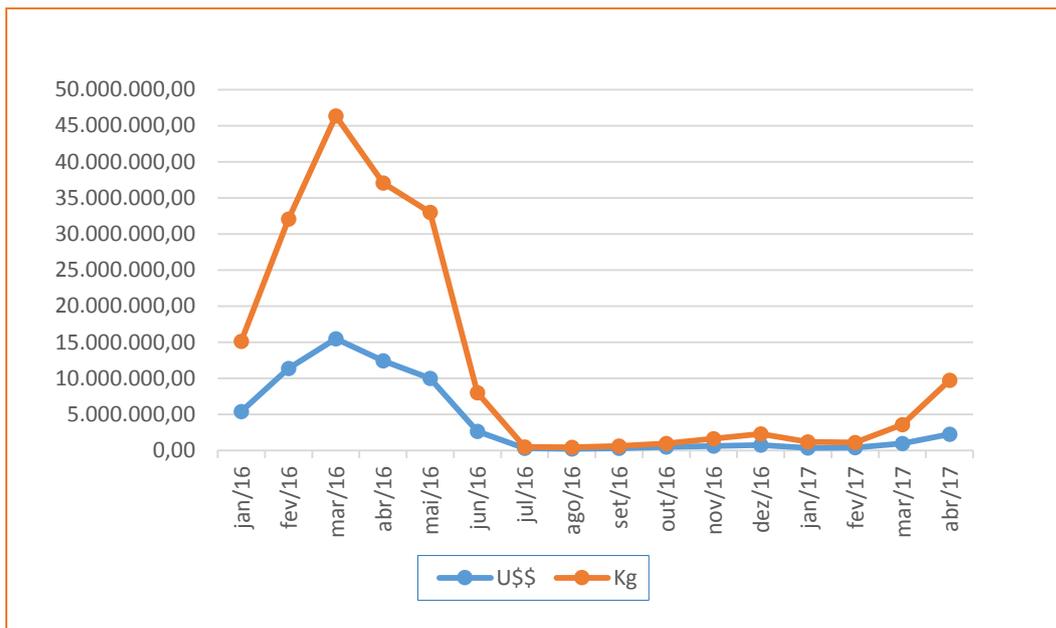
O estado de Santa Catarina é o maior produtor nacional de cebola com mais de 20 mil hectares plantados. A safra catarinense de 2016/17 se desenvolveu em condições climáticas muito favoráveis que, associadas ao uso intenso de tecnologias, apresentou produção recorde e deverá ultrapassar as 580 mil toneladas. Os produtores catarinenses alcançaram produtividades acima de 30 toneladas por hectare, não sendo raro encontrar produtores com produtividade acima de 50 toneladas por hectare. Esse comportamento da cultura ocorreu também nas principais regiões produtoras brasileiras e fez com o mercado persistisse desde o final de 2016 com expressivo volume ofertado, trazendo consequências importantes ao setor, especialmente na queda de preço pago ao produtor.

No mês de abril os preços ao produtor atingiram média de R\$0,77/Kg. No entanto, na segunda semana de maio, os preços voltaram a cair oscilando de R\$0,60 a R\$0,70 por quilo para a cebola classe 3 a 5, segundo levantamento de campo da Epagri/Cepa. Esses preços surpreenderam pela queda no atual período de final de safra permanecendo abaixo do custo de produção para os produtores catarinenses. Nesse sentido, continua a preocupação com a situação gerada aos produtores pela baixa rentabilidade da safra 2016/17, uma vez que eles são na sua maioria agricultores familiares que dependem diretamente do retorno da atividade para a manutenção de sua renda.

Outro aspecto importante, além do resultado da safra propriamente dito, é a manifestação de preocupação de lideranças e representantes dos produtores com os processos de renegociação de dívidas, especialmente do custeio de lavoura da safra que se encerra junto aos bancos. As informações são de que poucos contratos foram efetivamente renegociados até o momento. Esse quadro influenciará de alguma maneira a próxima safra, 2017/18, seja em tamanho da área a ser plantada e/ou no nível tecnológico das lavouras. Em função dos resultados da atual safra, estima-se uma redução de 5% na área plantada, segundo informações captadas junto a alguns agentes e representantes do setor. Trata-se porém de uma informação ainda preliminar que só a partir do próximo Boletim poderá ser aprofundada com informações de ajustes à realidade do campo

A safra catarinense já foi comercializada em aproximadamente 98% da sua produção. Com isso o abastecimento do mercado estadual começa a depender mais diretamente das tradicionais regiões produtoras brasileiras como Minas Gerais, Pernambuco, Bahia e mesmo das importações.

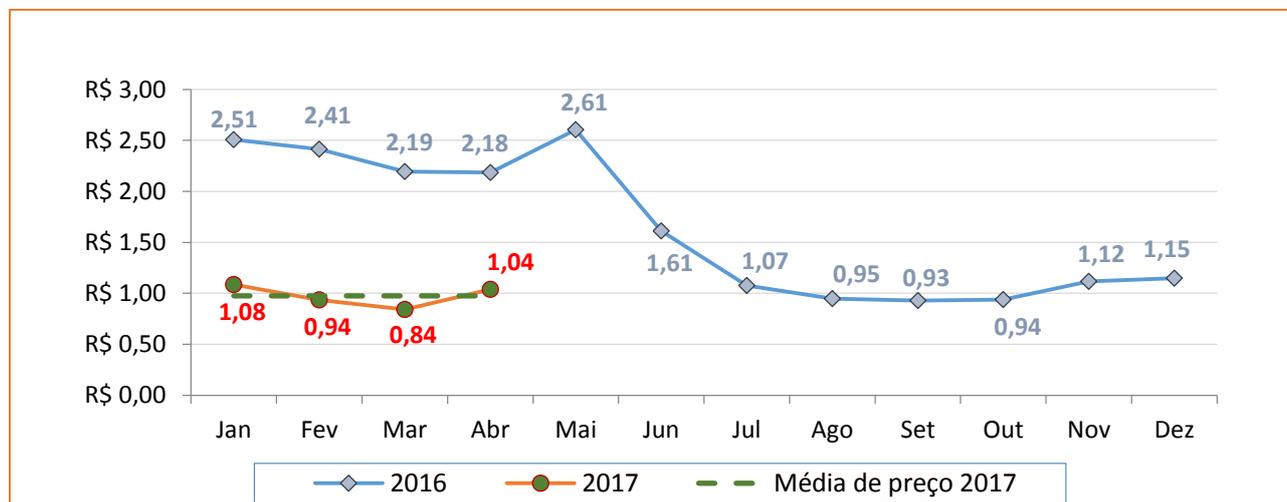
No quadro a seguir apresentamos a evolução das importações de cebola pelo Brasil mês a mês no ano de 2016 e no primeiro quadrimestre de 2017. As importações atingiram seu ápice, em 2016, no mês de março, com mais de 46 mil toneladas e tendência de queda importante durante todo o segundo semestre daquele ano. Em 2017, o comportamento das importações está muito abaixo do desempenho de 2016. No entanto no mês de março, houve reversão da curva de crescimento nas importações de cebola, mantida em abril, cujo volume atingiu 9,7 mil toneladas no mês. Como se pode perceber, comparando-se abril de 2016 com abril de 2017, as importações são de apenas 30% do volume importado no período anterior.



Fonte: Sistema Alice/MDIC- 15/05/2017.

**Figura 1. Evolução da importação de cebola pelo Brasil em 2016 e jan. a abr./2017**

O mercado continua com volume de oferta alto, ocasionado pela grande safra nas principais regiões produtoras, a exemplo de Santa Catarina. Pelo gráfico abaixo, nota-se que os preços no atacado nesse ano estão bem abaixo dos praticados em 2016. O mês de abril/17, todavia, apresentou recuperação de preço na ordem de 23,8% para o produto em relação ao mês de março/17.



Fonte: Ceasa/SC.

**Figura 2. Evolução mensal do preço médio ponderado por quilo da cebola na Ceasa/SC - Unidade de São José/2016 e jan. a mar./2017**

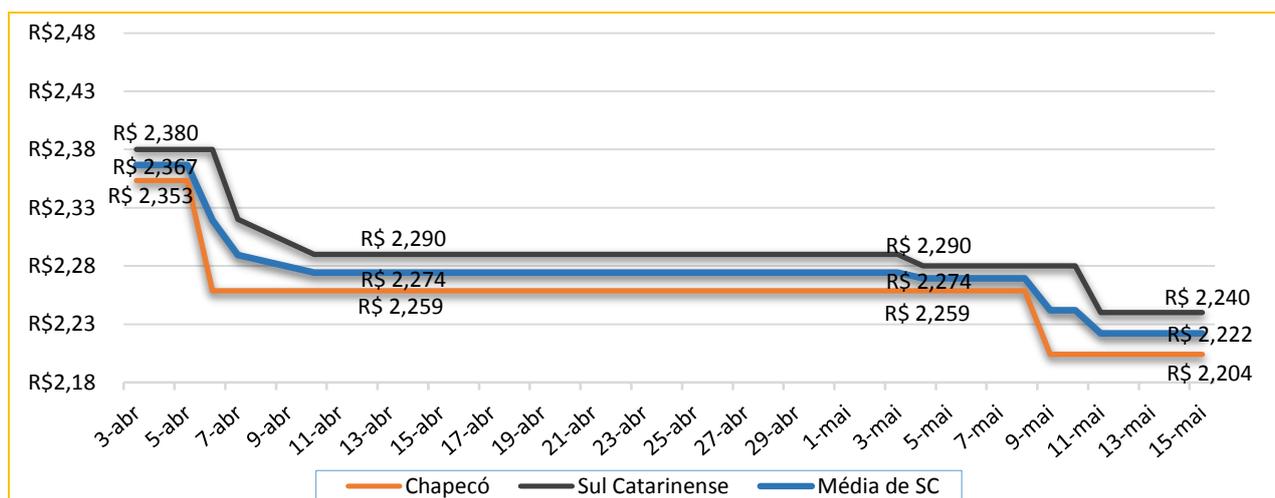
## Pecuária

### Avicultura

Alexandre Luís Giehl  
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa  
[alexandregiehl@epagri.sc.gov.br](mailto:alexandregiehl@epagri.sc.gov.br)

Desde o início de abril registram-se quedas sucessivas nos preços do frango vivo em Santa Catarina. Embora não seja possível estabelecer uma conexão exclusiva e conclusiva, é bastante provável que esse movimento seja decorrente da “Operação Carne Fraca”, deflagrada em meados de março. Levando-se em conta a média de abril e a média preliminar de maio, foram observadas variações bastante semelhantes nas duas regiões acompanhadas: -5,53% em Chapecó e -5,61% no Sul Catarinense. Como é possível perceber no gráfico abaixo, houve uma queda acentuada no início de abril, com relativa estabilidade no restante do mês. Em maio observou-se nova queda nas duas praças.

Em relação a 13 de março (última data de coleta de preços antes da deflagração da “Operação Carne Fraca”), os preços diários de 15 de maio registram quedas de 6,34% e 7,44% para Chapecó e para o Sul Catarinense, respectivamente.



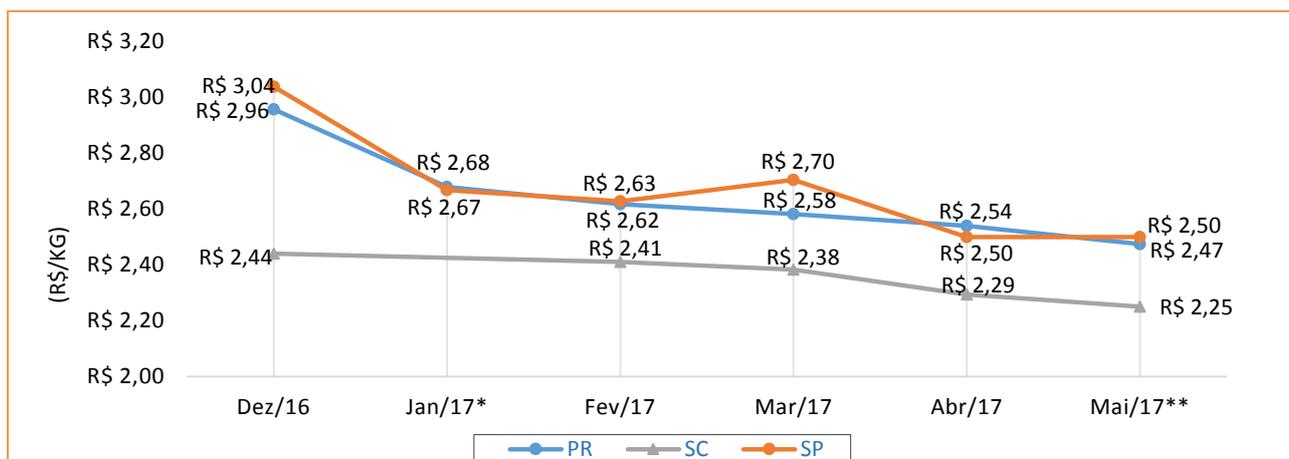
<sup>(1)</sup> Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

Fonte: Epagri/Cepa.

**Frango vivo – Preço médio nominal<sup>(1)</sup> diário para avicultores de duas regiões de Santa Catarina e média estadual – 3/abr. a 15/maio/2017**

O gráfico a seguir apresenta a comparação entre os preços médios do frango vivo pagos ao produtor nos seis últimos meses em três importantes estados (Paraná, Santa Catarina e São Paulo). Nesse período os preços médios desses estados vêm registrando predominantemente movimentos de queda, com exceção do mês de março em São Paulo, quando os preços diários chegaram a atingir R\$2,75. Após a “Operação Carne Fraca”, esses preços se mantiveram estáveis por alguns dias, mas depois recuaram sensivelmente.

Em relação a abril, o preço médio de maio (preliminar) apresenta variação de -2,56% no Paraná e -1,89% em Santa Catarina. Em São Paulo não houve variação no período. Na comparação com maio de 2016, a defasagem é de -2,57% no Paraná e -8,22% em Santa Catarina. São Paulo, mais uma vez, não apresentou qualquer variação no período. Em relação a dezembro de 2016, momento em que o frango atingiu os melhores preços durante o ano passado, as diferenças são mais significativas: -17,72% em São Paulo, -16,33% no Paraná e -7,78% em Santa Catarina.



(<sup>1</sup>) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

\* Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2017 em Santa Catarina.

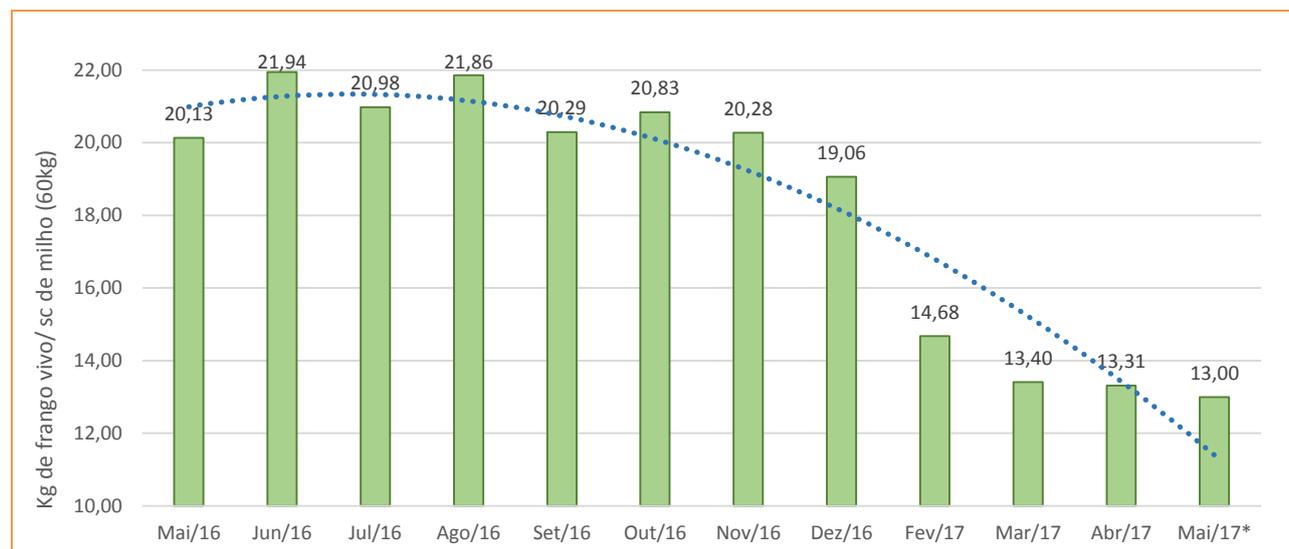
\*\* Os dados do mês de maio são preliminares, relativos ao período de 2 a 15/maio/2017.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

**Frango vivo – Preço médio nominal<sup>(1)</sup> mensal para avicultores em Santa Catarina, São Paulo e Paraná – 2016/2017**

Assim como os preços do frango vivo, os custos de produção também têm registrado quedas nos últimos meses. De acordo com o Índice de Custos de Produção calculado pela Embrapa Suínos e Aves, em abril o Índice do Custo de Produção do Frango (ICPFrango) foi 2,83% menor que no mês anterior. Nos últimos 12 meses a variação foi de -18,87%.

A relação de troca insumo/produto, índice calculado pela Epagri/Cepa, tem também registrado esses movimentos de queda. Em maio o índice atingiu o valor de 13,00 (preliminar), o que representa queda de 2,37% em relação a abril e de 35,45% na comparação com maio de 2016.



Para cálculo da relação de troca insumo/produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC.

\* Os dados do mês de maio são preliminares, relativos ao período de 2 a 15/maio/2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

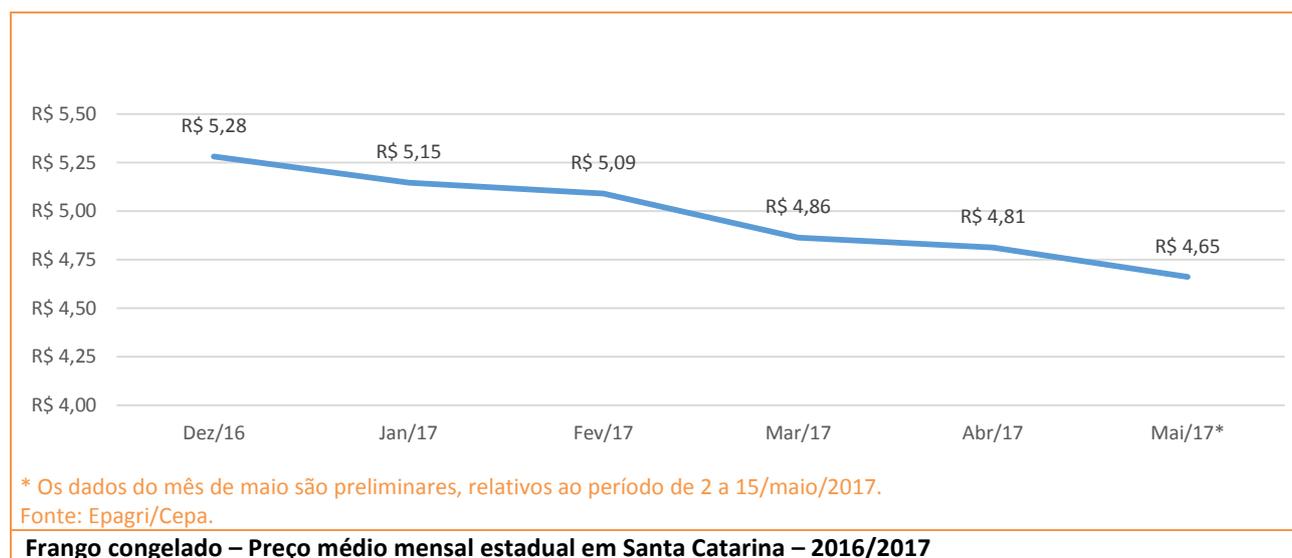
**Quantidade de frango vivo necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2016/2017**

A queda na relação de troca observada nos últimos meses é devida principalmente à redução no preço do milho, que registrou variação de -4,26% entre abril e maio. Em relação a maio de 2016, a diferença é de -41,21%. Quando comparado ao mesmo mês de 2015, o preço atual é 8,01% superior.

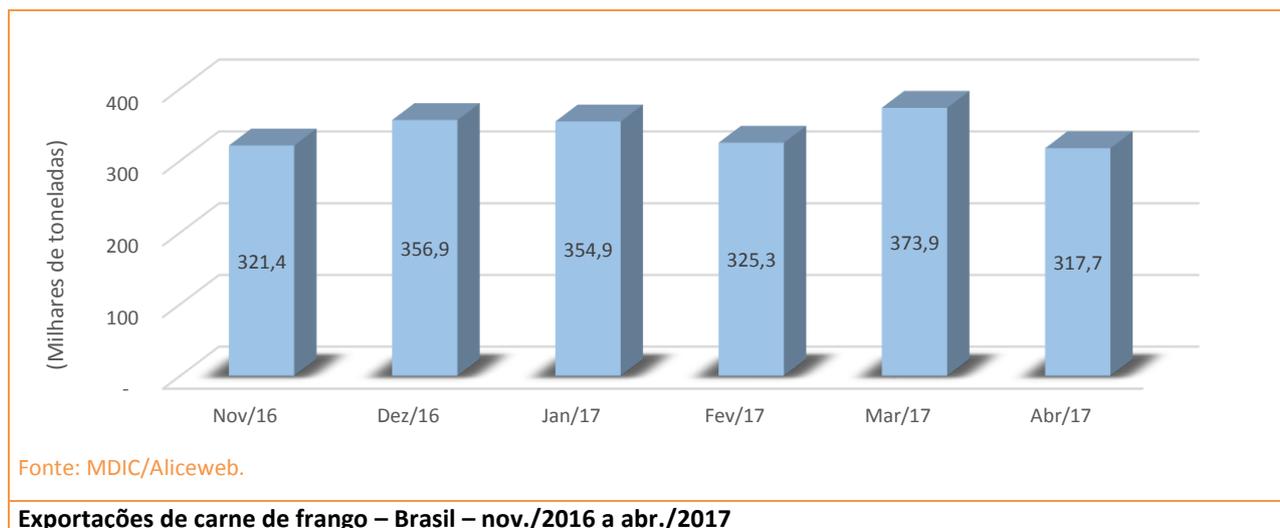
De acordo com as estimativas da Conab, a atual safra de grãos deve atingir patamares recordes. Conforme o 8º Relatório de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2016/17, a 1ª safra na temporada 2016/17 deverá ter uma produção de 30,15 milhões de toneladas, o que representa incremento de 17,05% em relação ao ano anterior. Para a 2ª safra, por sua vez, as estimativas preliminares indicam que a produção deve atingir 62,68 milhões de toneladas, aumento de 53,73%. A produção total deve ser de 92,83 milhões de toneladas de milho (aumento de 39,53% em relação à safra 2015/16).

Apesar do cenário otimista no que diz respeito aos custos de produção e disponibilidade de insumos, há grande preocupação em relação à demanda de carnes, seja no mercado interno ou externo. No mercado interno, a situação econômica do país segue refreando o consumo.

Essa situação ajuda a explicar o comportamento dos preços do frango no atacado, os quais têm registrado quedas seguidas nos últimos seis meses. Os dados da Epagri/Cepa demonstram que os quatro cortes de frango monitorados pelo órgão apresentaram queda no preço preliminar de maio em relação a abril. A maior variação foi observada no preço médio estadual do peito de frango com osso congelado, que caiu 7,07%. O frango inteiro congelado, por sua vez, registrou queda de 3,31%. Esse movimento de queda vem se repetindo desde dezembro, conforme é possível verificar na figura abaixo.



O mercado externo, que vinha garantindo o escoamento dos excedentes de produção do País, apresentou um revés no mês passado. De acordo com o Ministério da Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), em abril o Brasil exportou 317,7 mil toneladas de carne de frango (*in natura* e industrializada), o que significa queda de 15,02% em relação a março. Quando comparado a abril de 2016, os números atuais também são significativamente negativos: queda de 23,01%.



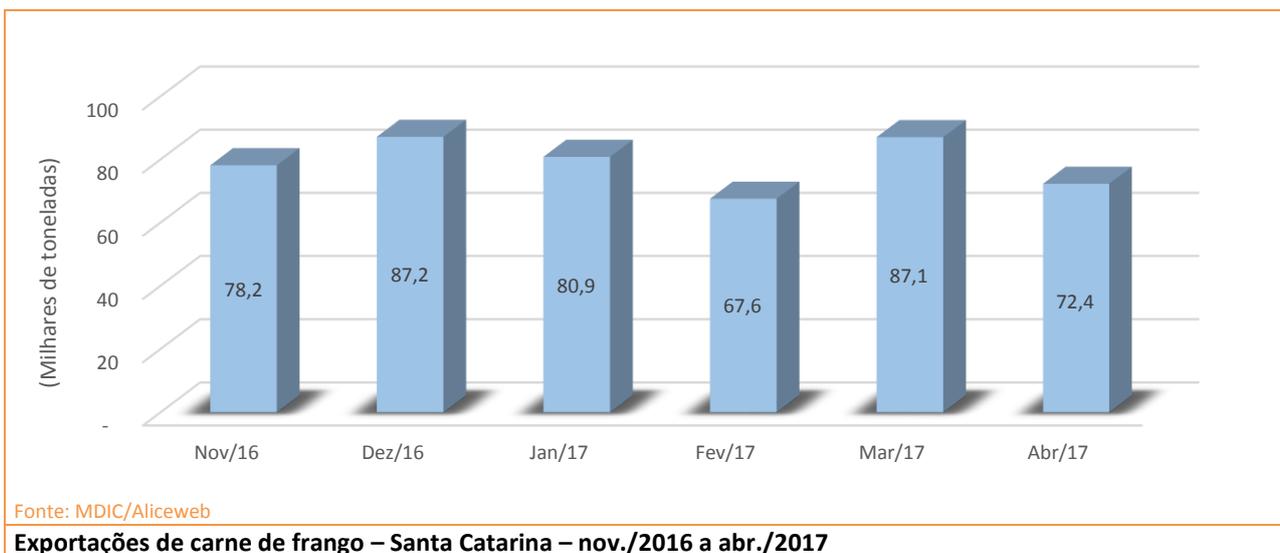
As receitas com exportação de carne de frango atingiram o montante de US\$543,1 milhões em abril, queda de 15,57% em relação a março e de 11,20% na comparação com abril do ano anterior.

Ainda em termos de receitas, o acumulado do primeiro quadrimestre é 12,23% superior ao mesmo período do ano anterior. Já quando se analisa a quantidade exportada, percebe-se queda de 4,48% no período em questão.

Os principais destinos da carne de frango brasileira em abril mais uma vez foram a Arábia Saudita, o Japão e a China, que juntos responderam por 40,32% das receitas do País com esse produto.

Os dados de exportação das duas primeiras semanas de maio apontam quedas na quantidade diária embarcada: -7,9% em relação a abril e -10,8% na comparação com maio de 2016.

Santa Catarina também apresentou queda nas exportações, em relação ao mês anterior. Em abril o Estado exportou 72,36 mil toneladas de carne de frango, o que representa queda de 16,93% em relação a março. Na comparação com abril de 2016, a queda é ainda mais significativa: -22,88%.



Em relação às receitas, as exportações catarinenses de frango geraram US\$134,74 milhões, queda de 18,66% em relação a março e de 12,19% na comparação com o mesmo mês de 2016.

Os principais destinos da carne catarinense foram Japão, China, Países Baixos e Arábia Saudita, os quais, juntos, responderam por 45,80% das exportações do Estado.

**Principais destinos das exportações de carne de frango – Santa Catarina – abril/2017**

País	Valor\US\$	Quantidade (t)
Japão	26.278.085,00	12.464
China	13.839.532,00	6.978
Países Baixos	12.105.550,00	5.659
Arábia Saudita	9.492.408,00	5.282
Reino Unido	9.107.102,00	3.698
Demais países	63.914.888,00	38.275
<b>Total</b>	<b>134.737.565,00</b>	<b>72.356</b>

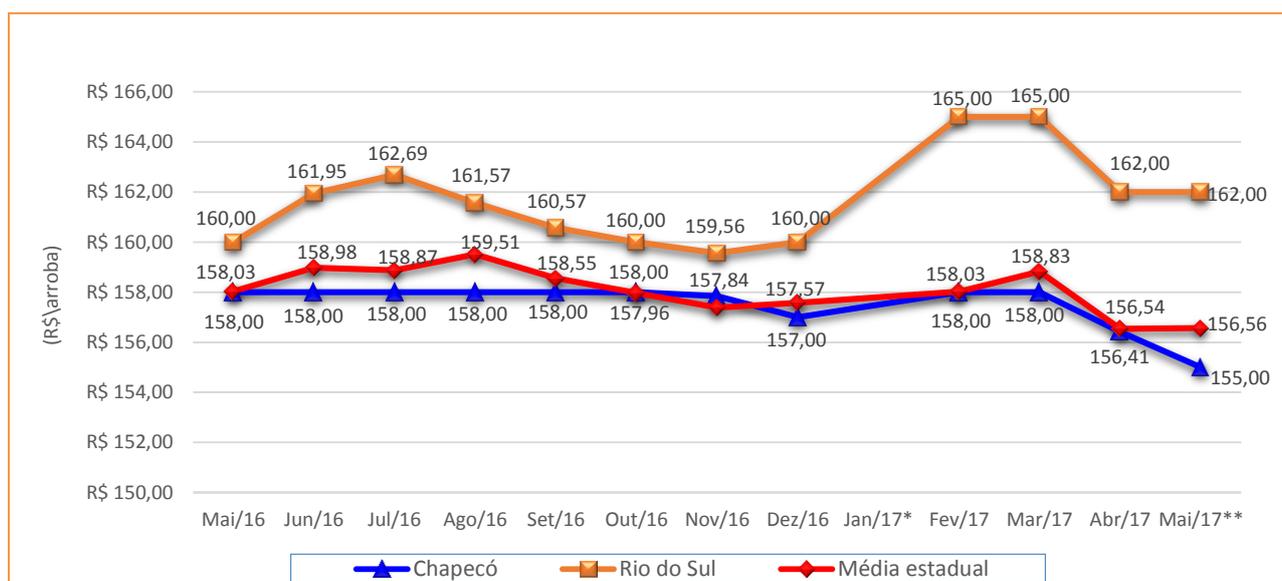
Fonte: MDIC/Aliceweb.

De acordo com a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), o saldo negativo do mês teve dois fatores principais: o número reduzido de dias úteis e o impacto nas vendas internacionais causado pela “Operação Carne Fraca”, com a demora na retomada das vendas para alguns dos mercados que anunciaram embargos.

## Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl  
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa  
[alexandrejiehl@epagri.sc.gov.br](mailto:alexandrejiehl@epagri.sc.gov.br)

Os preços do boi gordo mantiveram-se relativamente estáveis no mercado catarinense nas últimas semanas. Na praça de Chapecó observou-se queda de 0,90%, a qual não chegou a afetar significativamente o preço médio estadual. Em Rio do Sul o preço mantém-se estável desde meados de abril. Na comparação com maio de 2016, os preços atuais apresentam defasagens de 1,90% e 1,25% para Chapecó e Rio do Sul, respectivamente.



\* Não há dados disponíveis para as praças de Chapecó e Rio do Sul para o mês de janeiro de 2017. Em função da ausência das praças de referência, não se utilizou o preço médio estadual desse período, para evitar distorções.

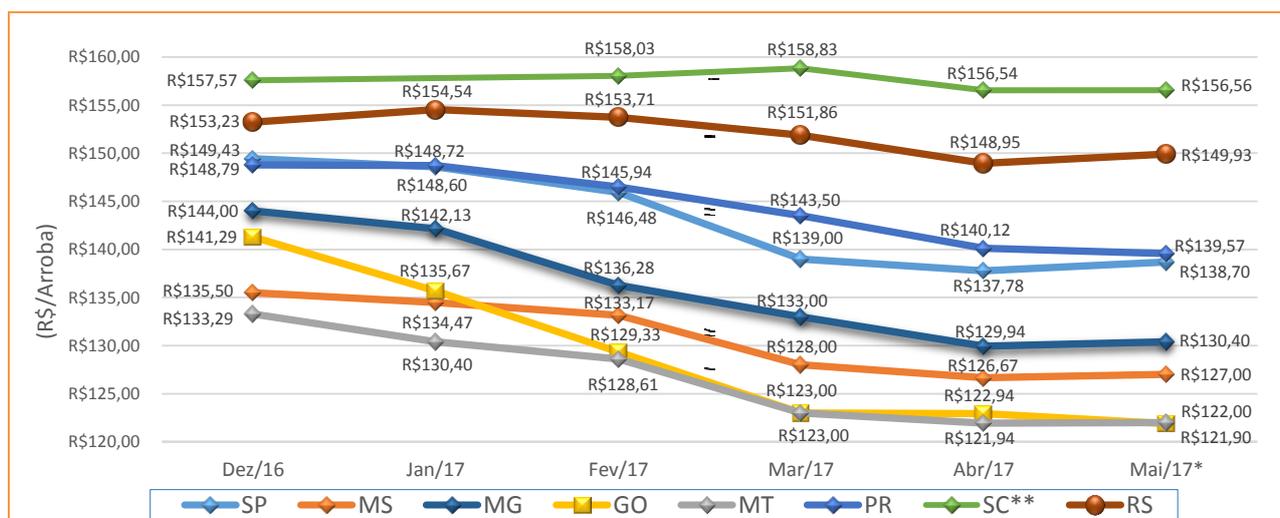
\*\* Os dados do mês de maio são preliminares, relativos ao período de 2 a 15/maio/2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

### Evolução do preço médio mensal do boi gordo nas praças de Chapecó e Rio do Sul – 2016/2017

Diferentemente do que vinha ocorrendo nos meses anteriores, os preços preliminares de maio apontam pequenos aumentos na maioria dos estados analisados. Dos oito estados, seis apresentam variações positivas no preço de maio em relação ao de abril: São Paulo (0,67%), Rio Grande do Sul (0,65%), Minas Gerais (0,35%), Mato Grosso do Sul (0,26%), Mato Grosso (0,05%) e Santa Catarina (0,02%). Dois estados que apresentam variação negativa: Goiás (-0,85%) e Paraná (-0,39%). A variação média nos oito estados foi de 0,11%.

Na comparação com maio de 2016, todos os estados registram números negativos: -10,86% em Goiás, -9,35% em São Paulo, -9,09% em Mato Grosso, -8,39% no Rio Grande do Sul, -7,87% em Mato Grosso do Sul, -6,92% em Minas Gerais, -4,28% no Paraná e -0,93% em Santa Catarina. Entre maio de 2016 e abril de 2017 a inflação acumulada, calculada pelo INPC, foi de 3,99%, o que significa que as defasagens reais são superiores às mencionadas.



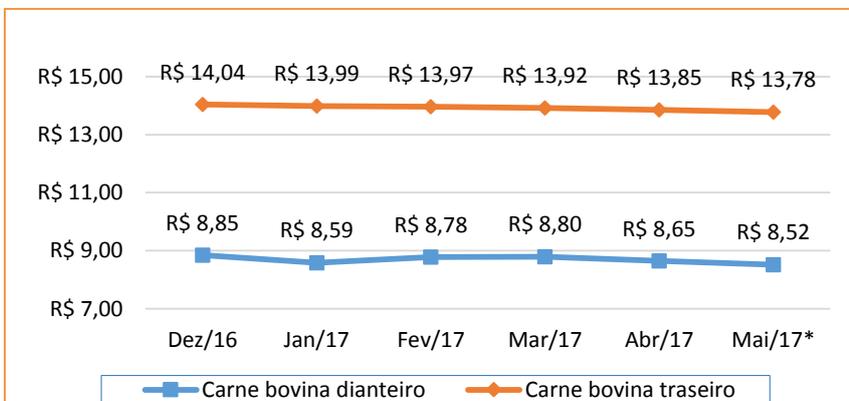
\* Os dados do mês de maio são preliminares, relativos ao período de 2 a 15/maio/2017.

\*\* Tendo em vista a ausência de dados das praças de referência (Chapecó e Rio do Sul) para o mês de janeiro, optou-se por não utilizar o preço médio estadual de SC para esse período.

Fonte: Epagri/Cepa<sup>(1)</sup>; Cepea<sup>(2)</sup>; DERAL/SEAB<sup>(3)</sup>; NESPRO<sup>(4)</sup> (2017).

**Evolução dos preços da arroba de boi gordo em SC<sup>(1)</sup>, SP<sup>(2)</sup>, MG<sup>(2)</sup>, GO<sup>(2)</sup>, MT<sup>(2)</sup>, PR<sup>(3)</sup> e RS<sup>(4)</sup> – 2016/2017**

A relativa estabilidade do mercado do boi gordo entre abril e maio é decorrente do consumo enfraquecido, por um lado, e da baixa oferta de animais para abate, por outro. Diante de um cenário de preços ruins, muitos pecuaristas têm optado por não vender seus animais de imediato, com a expectativa de que haja uma reação nos próximos meses.



\* Os dados do mês de maio são preliminares, relativos ao período de 2 a 15/maio/2017  
Fonte: Epagri/Cepa.

**Carne bovina – Atacado – Preço médio mensal estadual de dianteiro e traseiro em Santa Catarina – 2016/2017**

O mercado atacadista também tem sido afetado pelo desaquecimento da economia, que provoca menor demanda por carnes. Os dados da Epagri/Cepa demonstram que em Santa Catarina tanto os cortes dianteiros quanto os traseiros registraram quedas entre abril e maio.

No caso do dianteiro, a variação foi de -1,49%, enquanto o traseiro sofreu variação de -0,55%. Na comparação com maio de 2016 também se registram quedas nos preços nominais: -3,93% no caso

dos cortes dianteiros e -2% nos cortes traseiros.

As dificuldades no mercado do boi gordo e no mercado atacadista têm também afetado os preços dos animais de reposição. Em abril novamente se registrou variações negativas nas duas categorias acompanhadas. O preço do bezerro até 1 ano para corte sofreu redução de 2,83% em relação a março, enquanto o novilho de 1 a 2 anos para corte registrou queda de 3,02%. Em relação aos preços de abril de 2016, observa-se diferenças de -1,98% no caso do bezerro e de -0,41% para o novilho. No mesmo período os preços do boi gordo em Santa Catarina caíram 0,34%.



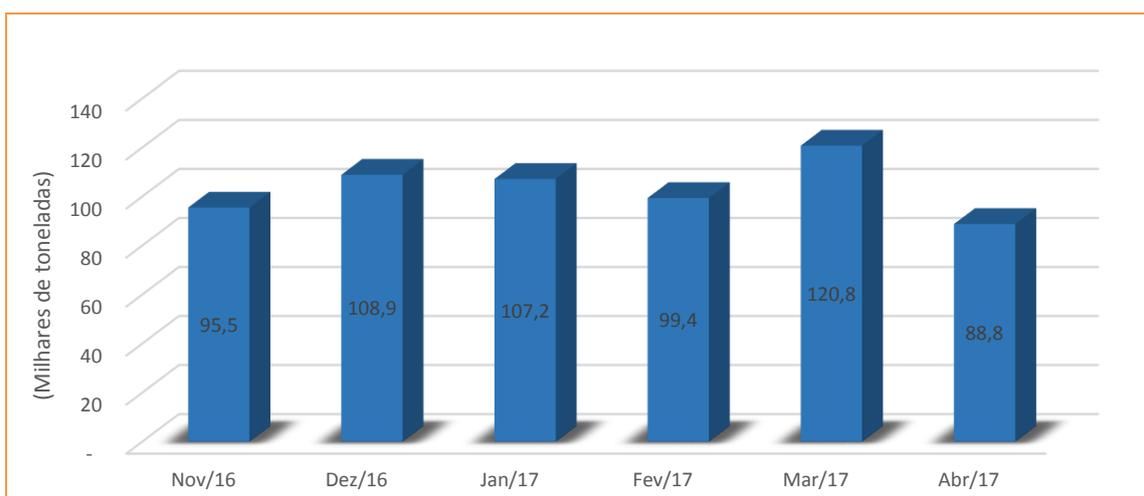
Fonte: Epagri/Cepa.

**Evolução dos preços de bezerra e novilho para corte em SC – Preço médio estadual – 2016/2017**

Os preços dos animais de reposição têm registrado oscilações negativas nos últimos meses em função da cautela dos pecuaristas em realizar investimentos mais significativos, diante de um cenário econômico de incertezas.

Apesar dessas questões, alguns analistas acreditam que em 2017 deverá ocorrer um aumento no número de animais abatidos. É o caso da Consultoria Agroconsult, que recentemente apontou perspectiva de crescimento de 9,6% nos abates.

As exportações de carne bovina seguem apresentando números negativos, assim como já ocorreu na maioria dos meses anteriores deste ano. De acordo com o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em abril o Brasil exportou 88,8 mil toneladas de carne bovina (*in natura*, industrializada e miúdos). Esse montante representa queda de 26,47% em relação ao mês anterior e de 18,26% na comparação com abril de 2016.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

**Exportações de carne bovina – Brasil – 2016/2017**

Em termos de receitas, em abril foram exportados US\$362,1 milhões, queda de 25,40% em relação ao mês anterior e de 13,80% na comparação com abril de 2016.

No acumulado do ano os números também são negativos: queda de 10,49% na quantidade e de 6,01% nas receitas do primeiro quadrimestre, em relação a igual período do ano anterior.

Os principais destinos da carne bovina brasileira em abril foram Hong Kong e China. Os dois países juntos foram responsáveis por 37,79% das receitas geradas com esse produto em abril.

Principais destinos das exportações de carne bovina – Brasil – abril/2017		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Hong Kong	84.572.956,00	22.539
China	52.255.430,00	11.971
Rússia	34.395.529,00	10.285
Estados Unidos	31.408.771,00	4.985
Egito	23.222.036,00	6.817
Demais países	136.246.887,00	32.198
<b>Total</b>	<b>362.101.609,00</b>	<b>88.796</b>

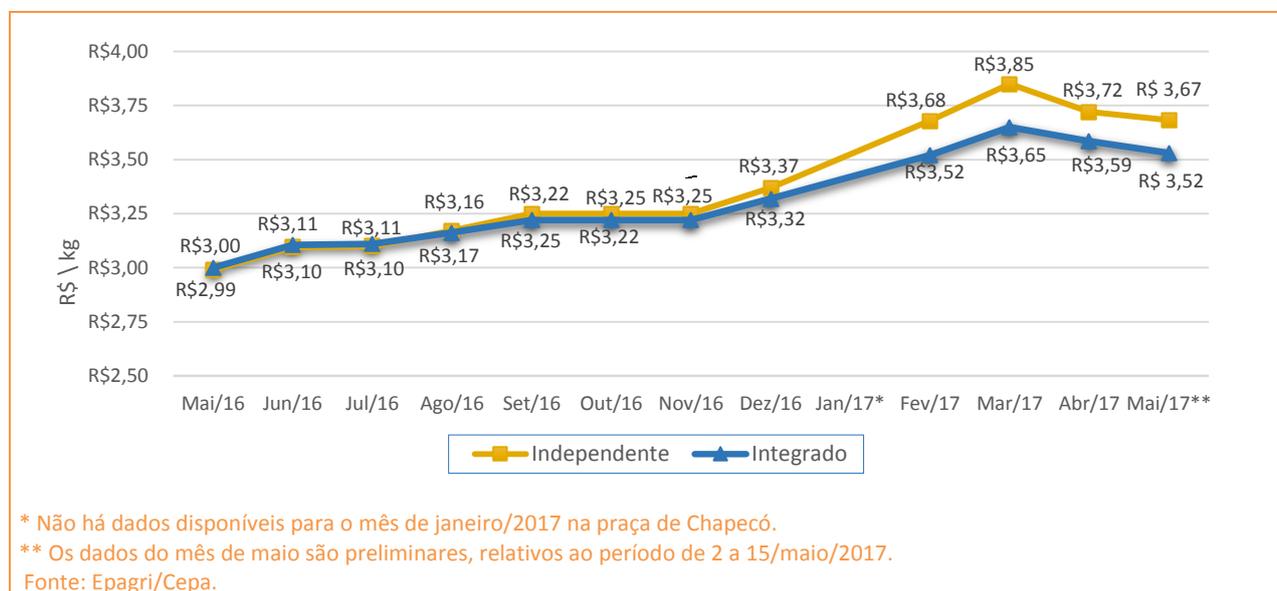
Fonte: MDIC/Aliceweb.

Os dados de exportação das duas primeiras semanas de maio apontam aumento de 7% na quantidade diária embarcada em relação a abril. Já na comparação com maio de 2016 observa-se queda de 13,29%.

## Suinocultura

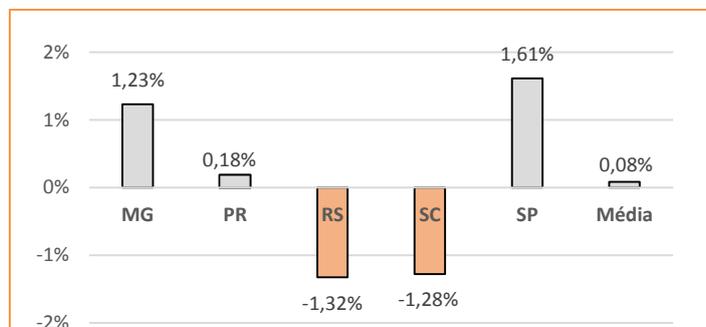
Alexandre Luís Giehl  
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa  
[alexandrejiehl@epagri.sc.gov.br](mailto:alexandrejiehl@epagri.sc.gov.br)

O impacto da “Operação Carne Fraca” na cadeia produtiva da suinocultura é perceptível. Conforme demonstrado no gráfico abaixo, de maio a novembro do ano passado os preços médios dos suínos vivos apresentaram tendência de elevação, com alguns momentos de estabilidade. A partir de dezembro observa-se uma aceleração dos preços, o que perdurou até março. Contudo, após a deflagração da Operação houve reversão na tendência que vinha sendo observada até então. Os dados da primeira quinzena de maio mostram novas quedas nos preços dos suínos vivos na praça de Chapecó, tanto para produtores independentes quanto integrados. Em relação a abril, os preços de maio apresentam variação de -1,36% para o produtor independente e de -1,71% para o integrado. Na comparação com maio de 2016, contudo, os preços ainda apresentam vantagem significativa: 22,74% para os independentes e 17,47% para os integrados.



**Suíno vivo – Preço médio mensal para produtor independente e integrado na praça de Chapecó, SC – 2016/2017**

Após o choque inicial decorrente da “Operação Carne Fraca”, em alguns estados os preços apresentaram sinais de recuperação na primeira quinzena de maio. É o caso de São Paulo (aumento de 1,61% em relação a abril), Minas Gerais (1,23%) e Paraná (0,18%). Santa Catarina e Rio Grande do Sul, por sua vez, seguem registrando quedas: -1,28% e -1,32%, respectivamente.



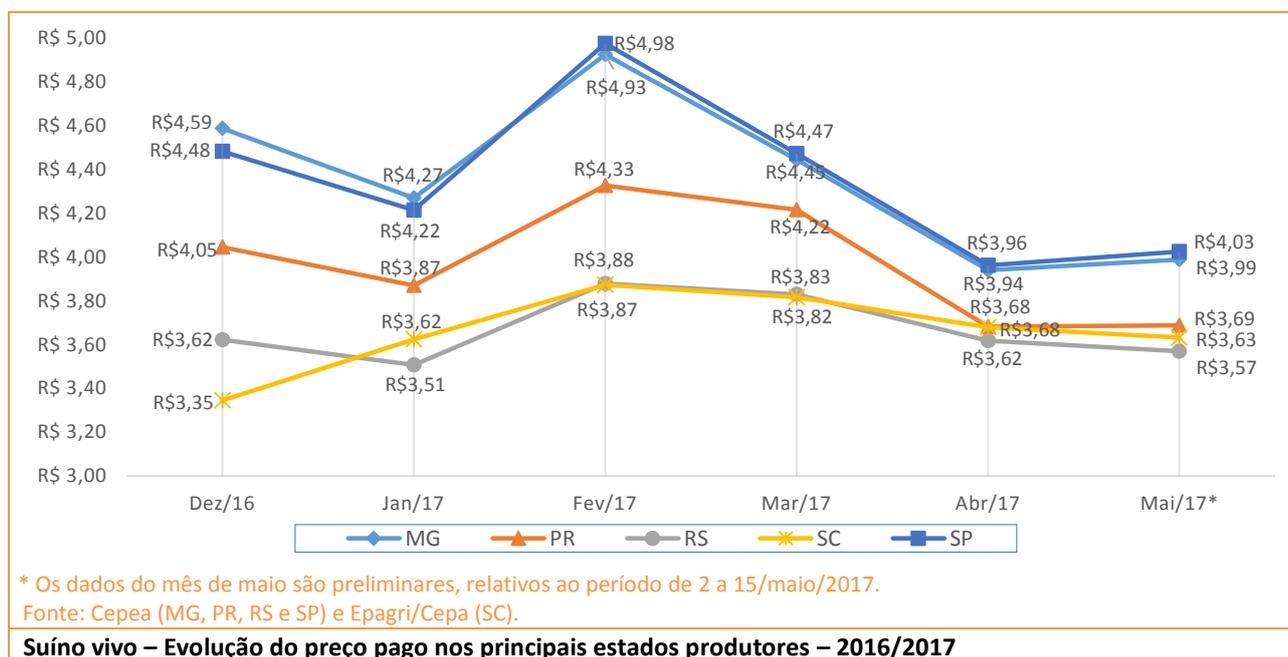
Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

**Suíno vivo – Variação do preço pago ao produtor nos principais estados (abr./2017 – maio/2017)**

Na comparação com os preços praticados em maio de 2016, o cenário atual é bastante favorável, com variações positivas em todos os estados analisados: 30,86% no Paraná, 26,40% no Rio Grande do Sul, 23,73% em São Paulo, 21,10% em Santa Catarina e 18,22% em Minas Gerais.

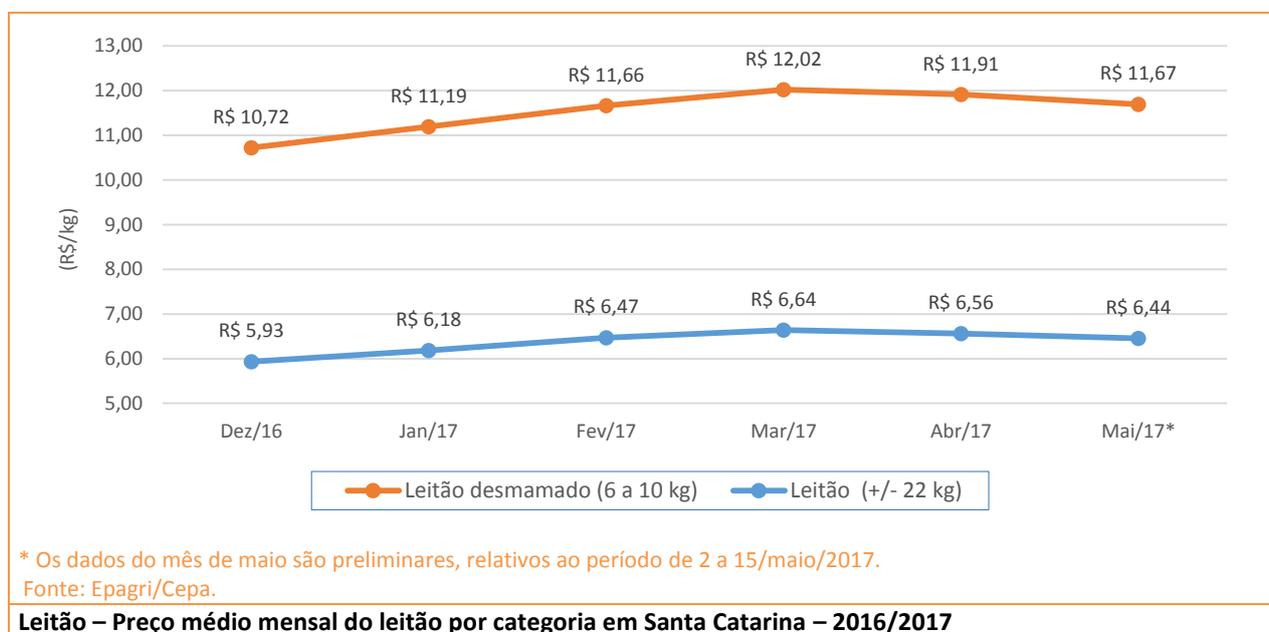
Para que se tenha uma ideia, a inflação acumulada entre maio de 2016 e abril de 2017 foi de 3,99% (INPC).

O gráfico a seguir apresenta a evolução do preço pago ao produtor pelo quilo do suíno vivo nos cinco principais estados produtores nos últimos 6 meses.



**Suíno vivo – Evolução do preço pago nos principais estados produtores – 2016/2017**

Os preços dos leitões têm acompanhado a tendência observada para os suínos com finalidade de abate: até março registravam-se aumentos consecutivos; após esse período observam-se seguidos movimentos de queda. Em relação a abril, as médias preliminares de maio variaram -2% para os leitões de 6 a 10kg e -1,86% para os leitões de +/-22kg. Na comparação com maio de 2016, os valores atuais apresentam aumento de 17,72% e 17,44% para os leitões de 6 a 10kg e de +/-22kg, respectivamente.

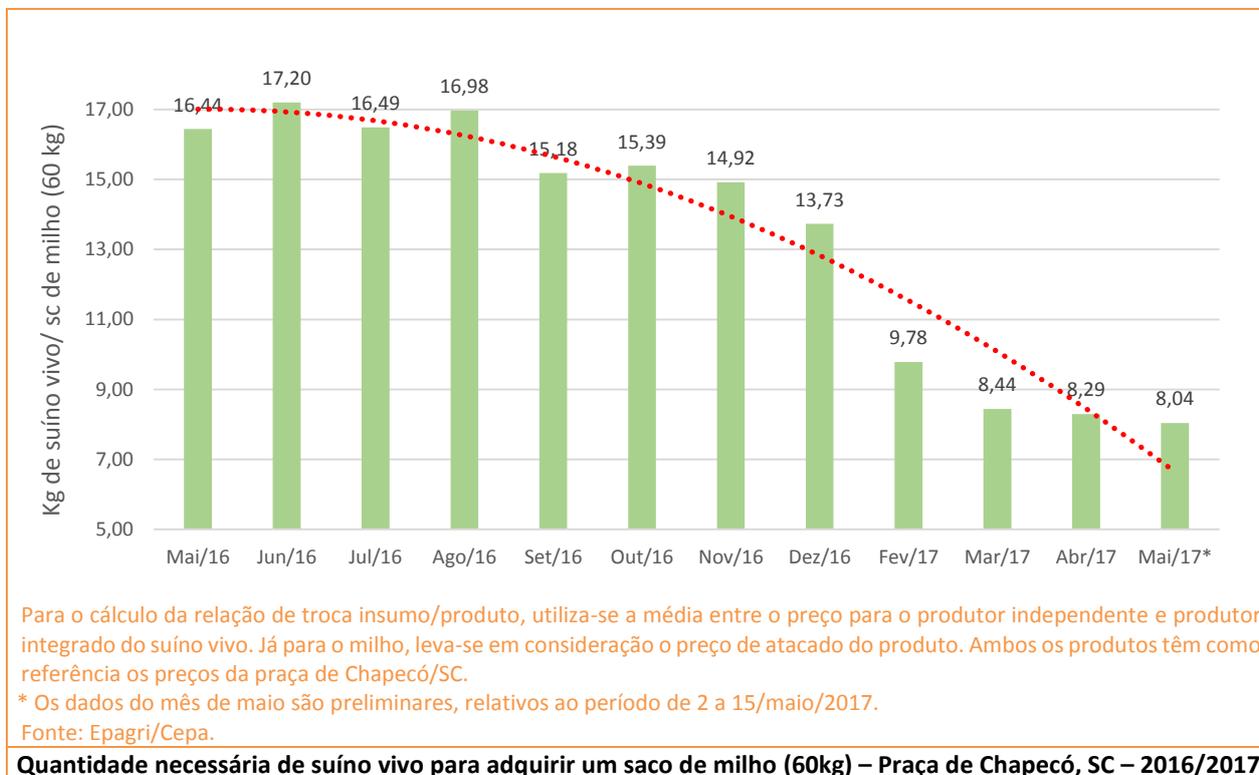


**Leitão – Preço médio mensal do leitão por categoria em Santa Catarina – 2016/2017**

O impacto da queda nos preços do suíno vivo nos últimos dois meses tem sido amenizado pela redução nos custos de produção. O Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno), calculado pela Embrapa Suínos e

Aves, registrou queda de 3,21% em abril, em relação ao mês anterior. O ICPSuíno acumulado nos últimos 12 meses é de -17,43%.

A relação de troca insumo/produto calculada pela Epagri/Cepa também capta a queda de custos que tem ocorrido no setor nos últimos 12 meses.



Em maio o índice atingiu o valor de 8,04 (dados preliminares), o que representa queda de 2,77% em relação a abril e de 50,79% na comparação com maio de 2016. O fator que tem contribuído de forma mais significativa para a redução desse indicador é a redução no preço do milho.

O preço médio do milho no atacado na primeira quinzena de maio em Chapecó foi de R\$29,00. Esse valor é 4,26% menor que o mês anterior e 41,21% menor que o preço praticado em maio de 2016. Na comparação com os preços de dois anos atrás, o valor atual é 2,22% superior.

De acordo com as estimativas da Conab, a atual safra de grãos deve atingir patamares recordes. Conforme o 8º Relatório de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2016/17, a 1ª safra na temporada 2016/17 deverá ter uma produção de 30,15 milhões de toneladas, o que representa incremento de 17,05% em relação ao ano anterior. Para a 2ª safra, por sua vez, as estimativas preliminares indicam que a produção deve atingir 62,68 milhões de toneladas, aumento de 53,73%. A produção total deve ser de 92,83 milhões de toneladas de milho (aumento de 39,53% em relação à safra 2015/2016).

Apesar do cenário favorável em relação aos custos de produção, a demanda por carnes segue como preocupação central para o setor. No mercado interno, a situação econômica do País desestimula o consumo. Isso ajuda a explicar o comportamento dos preços da carne suína no atacado.

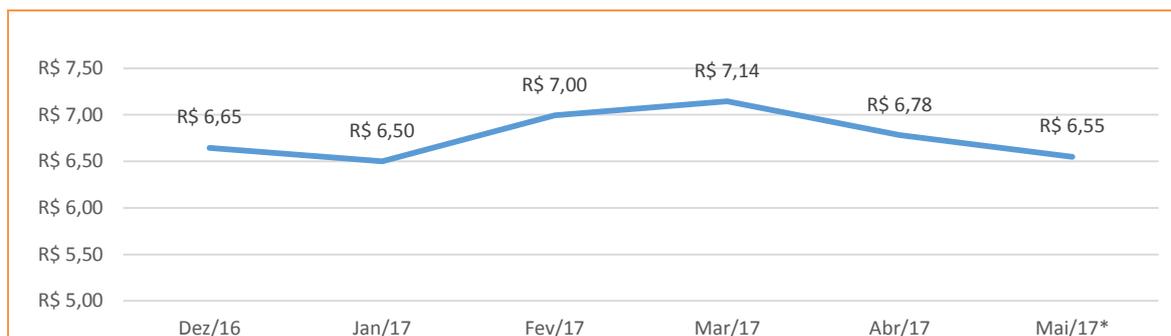
No que diz respeito ao mercado atacadista, os dados da Epagri/Cepa demonstram que entre abril e maio todos os cinco cortes cujos preços são monitorados pela instituição tiveram variações negativas. A variação mais significativa ocorreu no preço da carcaça, que caiu 3,45% no período. No entanto, na comparação com maio do ano anterior, os preços atuais são 10,92% superiores (no caso da carcaça). A menor variação foi observada no carré, com -0,92%.

**Carne suína – Preço médio estadual no atacado (kg) - Santa Catarina – 2017**

Produto	Janeiro/17	Fevereiro/17	Março/17	Abril/17	Mai/17*
Carré (sem couro)	7,58	8,67	8,91	9,76	9,67
Costela (sem couro)	13,80	13,64	13,96	14,13	13,86
Lombo	11,99	11,88	11,97	11,85	11,72
Carcaça	6,50	7,00	7,14	6,78	6,55
Pernil (com osso e sem couro)	6,90	7,87	7,93	7,74	7,65

Fonte: Epagri/Cepa.

\* Preços preliminares, referentes ao período de 2 a 15/maio/2017.

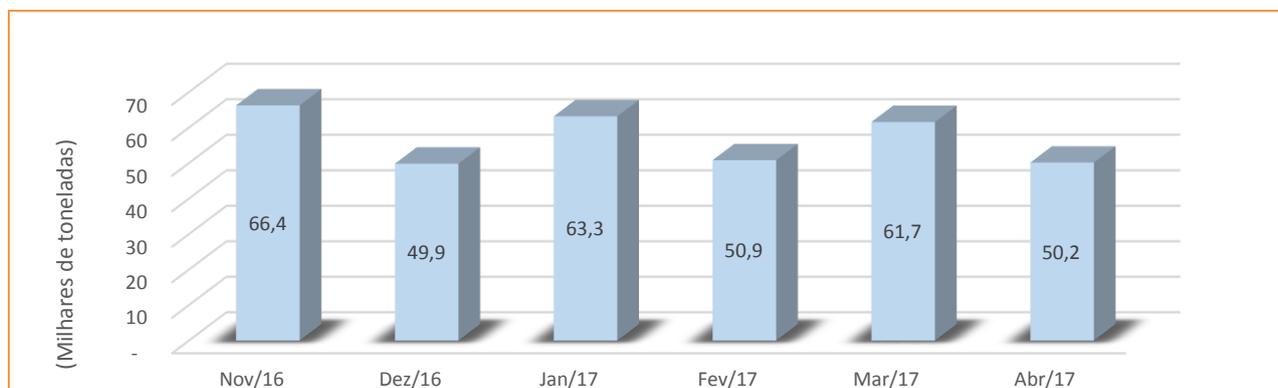


\* Os dados do mês de maio são preliminares, relativos ao período de 2 a 15/maio/2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

**Carne suína – Preço médio mensal estadual da carcaça suína no atacado – Santa Catarina – 2016/2017**

Conforme dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em abril o País exportou 50,2 mil toneladas de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), o que representou queda de 18,55% em relação a março e de 17,04% na comparação com abril do ano anterior.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

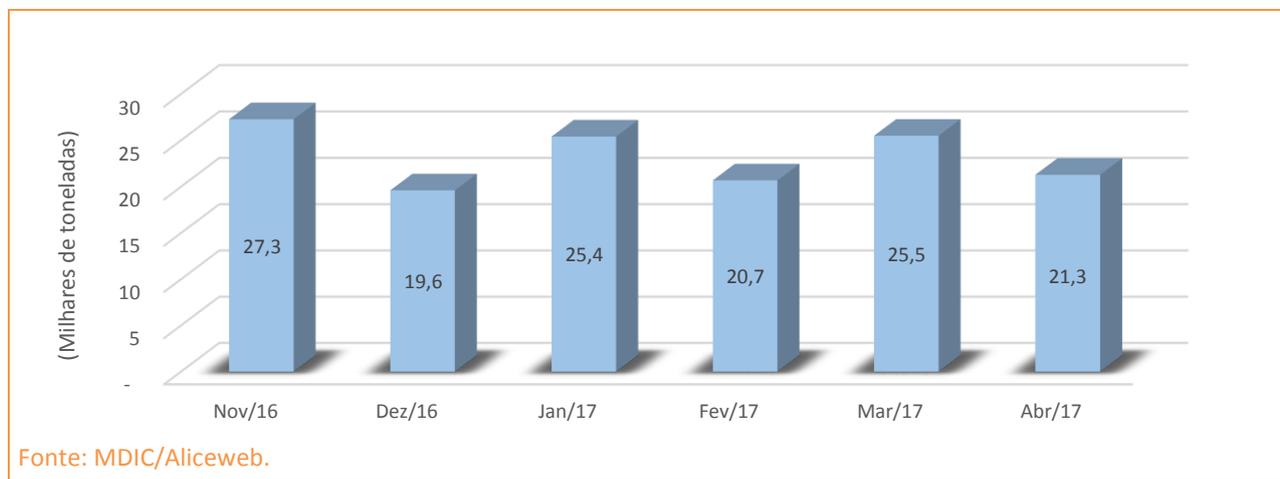
**Exportações de carne suína – Brasil – 2016/2017**

As receitas, por sua vez, atingiram o montante de US\$130,2 milhões, queda de 12,81% em relação a março. Contudo, quando comparadas com abril de 2016, registra-se um incremento de 19,46%. Tal situação é decorrente da elevação do valor da carne suína no mercado internacional. O valor médio da tonelada passou de US\$1.800,23 em abril de 2016 para US\$2.592,47 no mesmo mês deste ano (aumento de 44%).

Não obstante o mês de abril ter apresentado alguns dados pouco favoráveis, no acumulado do ano o saldo ainda é positivo. No primeiro quadrimestre registrou-se aumento de 1,44% na quantidade exportada e de 38,96% nas receitas.

Os cinco principais destinos da carne suína brasileira em janeiro foram Rússia, Hong Kong, China, Argentina e Cingapura, que juntos foram responsáveis por mais de 83,82% das receitas com esse produto.

Santa Catarina também registrou queda na quantidade de carne suína exportada em abril: -16,50% em relação a março e -5,36% na comparação com abril de 2016.



#### Exportações de carne suína – Santa Catarina – 2016/2017

As receitas atingiram o montante de US\$53,90 milhões, queda de 10,67% em relação ao mês anterior, mas aumento de 32,90% na comparação com abril de 2016.

No acumulado do ano os números são positivos: aumento de 15,51% na quantidade e de 56,81% nas receitas do primeiro quadrimestre, em relação a igual período do ano passado.

Os cinco principais destinos da carne suína de Santa Catarina no mês de abril foram Rússia, China, Hong Kong, Chile e Argentina, que juntos responderam por 86,62% das exportações do Estado.

Os dados de exportação das duas primeiras semanas de maio apontam quedas na quantidade diária embarcada: -4,7% em relação a abril e -10,4% na comparação com maio de 2016.

#### Principais destinos das exportações de carne suína – Santa Catarina – abril de 2017

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Rússia	28.481.005,00	9.644
China	6.733.964,00	3.204
Hong Kong	5.281.276,00	2.522
Argentina	3.600.834,00	1.568
Chile	2.593.617,00	1.041
Demais países	7.211.988,00	3.327
<b>Total</b>	<b>53.902.684,00</b>	<b>21.306</b>

Fonte: MDIC/Aliceweb.

Segundo relatório do Rabobank, as importações de carne suína por parte de países asiáticos estão sustentando os preços e margens para o setor mundialmente. Apesar da repercussão da “Operação Carne Fraca”, o Rabobank mantém a projeção de crescimento de 3% na produção de carne suína em 2017. O banco avalia ainda que as exportações brasileiras de carne suína também deverão continuar aumentando, após o impacto inicial e os esclarecimentos por parte dos órgãos competentes. Contudo, impactos de médio prazo relacionados à percepção dos consumidores nos mercados local e internacional ainda não estão claros, destacam os analistas.

## Leite

Tabajara Marcondes  
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa  
[tabajara@epagri.sc.gov.br](mailto:tabajara@epagri.sc.gov.br)

A exemplo do que vem ocorrendo desde o final do ano passado, a reunião do mês de abril do Conceleite/SC confirmou a tendência de recuperação nos preços de referência aos produtores catarinenses. Com isso, em todos os meses do primeiro quadrimestre de 2017, os preços foram superiores aos dos mesmos meses de 2016. Entretanto, o decréscimo mensal desta variação (em janeiro foi 13% e no valor projetado para abril 4,6%) é indicativo de que neste ano o comportamento dos preços dos lácteos no mercado atacadista e, por consequência, dos preços de referência aos produtores tendem a ser diferentes dos de 2016. O cenário mais provável é que já na reunião deste mês de maio (a ser realizada no dia 18), o preço de referência projetado para o mês de maio<sup>2</sup> apresente elevação apenas discreta sobre o preço final de abril. Portanto, comportamento bem diferente daquele de 2016, quando os valores aumentaram substancialmente de abril até julho, para apenas a partir daí começarem a decrescer.

**Leite padrão - Preços de referência do Conceleite de Santa Catarina - 2015-17**

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso			Var. %	
	2015	2016	2017	2016/15	2017/16
Janeiro	0,7744	0,9546	1,0783	23,3	13,0
Fevereiro	0,7866	1,0154	1,1096	29,1	9,3
Março	0,8614	1,0652	1,1412	23,7	7,1
Abril	0,8843	1,1166	1,1680(*)	26,3	4,6
Maio	0,8875	1,1430		28,8	
Junho	0,9347	1,3363		43,0	
Julho	0,9278	1,5500		67,1	
Agosto	0,9131	1,3248		45,1	
Setembro	0,8978	1,1051		23,1	
Outubro	0,9024	1,0461		15,9	
Novembro	0,9308	0,9993		7,4	
Dezembro	0,9387	1,0333		10,1	
<b>Média</b>	<b>0,8866</b>	<b>1,1408</b>		<b>28,7</b>	

(\*) Valor projetado.

Fonte: Conceleite/SC

Embora seja um fato que ao longo do tempo os preços do Conceleite/SC tenham se tornado um importante referencial para o estabelecimento dos preços pagos pelas indústrias aos produtores catarinenses, nem sempre as variações dos dois valores são próximas, ainda que sigam a mesma tendência. Segundo os levantamentos da Epagri/Cepa, na maior parte dos meses de 2016 e em todos os primeiros meses de 2017, a variação do preço médio pago aos produtores catarinenses tem sido superior à apontada pelo Conceleite/SC.

<sup>2</sup> O preço projetado é sempre referente ao leite que está sendo comercializado no transcorrer do mês. Portanto, o valor projetado em maio servirá de base para o pagamento que as indústrias farão em junho aos produtores.

**Leite - Preço médio mais comum aos produtores catarinenses, no período de pagamento - 2015-17**

Mês	R\$/litro posto na propriedade			Var. (%)	
	2015	2016	2017	2016/15	2017/16
Janeiro	0,75	0,91	1,10	21,3	20,9
Fevereiro	0,73	0,95	1,20	30,1	26,3
Março	0,76	1,02	1,25	34,2	22,5
Abril	0,80	1,07	1,28	33,8	19,6
Maio	0,87	1,11	1,29	27,6	16,2
Junho	0,89	1,19		33,7	
Julho	0,91	1,29		41,8	
Agosto	0,93	1,52		63,4	
Setembro	0,92	1,41		53,3	
Outubro	0,90	1,24		37,8	
Novembro	0,87	1,10		26,4	
Dezembro	0,89	1,08		21,3	
<b>Média anual</b>	<b>0,85</b>	<b>1,16</b>		<b>36,5</b>	

Fonte: Epagri/Cepa.

A partir de agora, contudo, mesmo em plena entressafra da produção nacional, a tendência é de cessar a trajetória de alta dos preços dos lácteos aos produtores, não se descarta até a possibilidade de redução em algumas regiões/situações. Essa expectativa deve-se tanto ao esperado crescimento da oferta de ora em diante (historicamente, o mês mais crítico da oferta nacional é abril), quanto às evidências de que o varejo tem ampliado as suas dificuldades para absorver elevações nos preços de venda dos lácteos pelas indústrias. Em relação a esse segundo aspecto, é muito remota possibilidade de que se repita o que houve em 2016, quando próximo dessa mesma época do ano os preços dos lácteos cresceram vigorosamente, especialmente o preço do leite Ultra High Temperature (UHT/"longa vida"), que tem expressivo peso na formação dos preços aos produtores catarinenses.

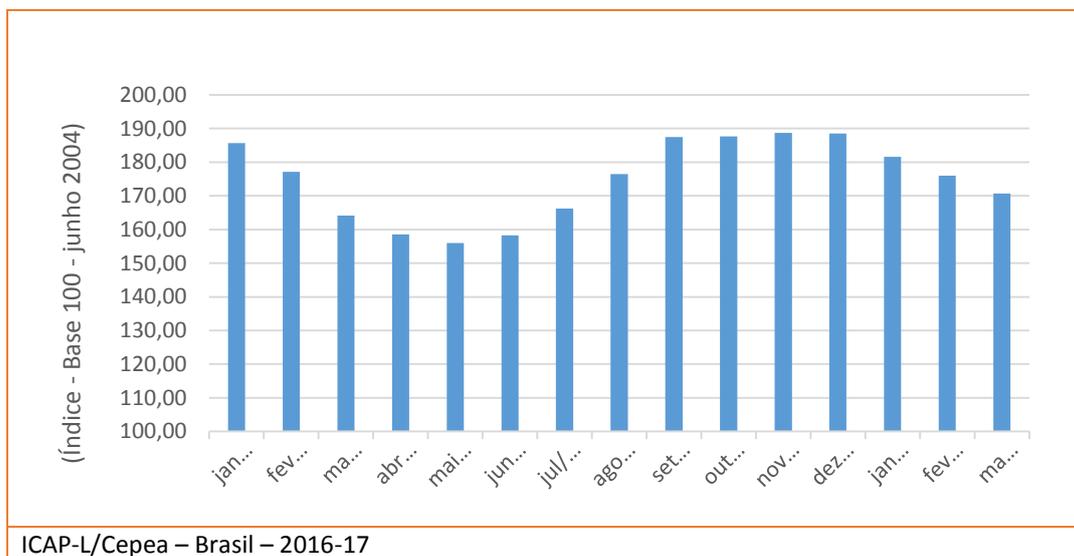
**Preços médios mensais no mercado atacadista de Santa Catarina - 2015-2017**

Mês	Leite UHT - litro			Manteiga extra - 200g			Queijo muçarela - kg		
	2015	2016	2017	2015	2016	2017	2015	2016	2017
Janeiro	1,59	2,00	2,18	3,15	3,68	5,10	12,28	15,92	17,13
Fevereiro	1,66	2,13	2,43	3,17	3,80	5,10	11,92	15,53	15,96
Março	2,13	2,27	2,55	3,17	3,93	5,24	12,84	16,97	16,74
Abril	2,13	2,39	2,54	3,17	4,46	5,35	13,08	18,53	17,20
Maio	2,17	2,61	2,48(*)	3,17	4,87	5,48(*)	13,36	19,00	17,32(*)
Junho	2,23	3,27		3,13	5,10		13,94	20,87	
Julho	2,22	3,59		2,97	5,18		13,89	22,98	
Agosto	2,14	3,06		2,94	5,09		14,51	22,98	
Setembro	2,01	2,37		2,99	4,93		14,43	21,46	
Outubro	1,95	2,06		3,32	4,94		13,40	19,86	
Novembro	2,01	1,99		3,39	5,02		13,35	17,96	
Dezembro	1,96	2,05		3,40	5,03		13,34	16,76	

(\*) Valor do dia 15/05.

Fonte: Epagri/Cepa.

Em relação ao crescimento da oferta, já no mês março o Índice de Captação de Leite Brasil<sup>3</sup> (ICAP-L/Cepea) inverteu o comportamento de janeiro e fevereiro e superou o do mesmo mês do ano anterior. Com isso, mesmo com o decréscimo de janeiro e fevereiro, o índice do primeiro trimestre de 2017 foi 0,2% superior ao de 2016. Embora seja um crescimento irrelevante, o seu aspecto mais importante é que evidencia a reversão de um comportamento de vários trimestres seguidos e a tendência e que nos próximos meses a oferta de leite seja sempre superior à do mesmo mês de 2016. Caso esse índice esteja de fato refletindo o que está se passando com toda a produção nacional comercializada para as indústrias, desfaz-se a expectativa de que em 2017 se repita o decréscimo de volume de leite comercializado dos produtores para as indústrias inspecionadas, conforme divulgado pelo IBGE por meio da sua Pesquisa Trimestral do Leite (PTL/IBGE), que atingiu 2,8% de 2014 para 2015 e 3,7% de 2015 para 2016.



No caso de Santa Catarina, os dados pesquisados pela Epagri/Cepa junto a parte importante das indústrias localizadas na Região Oeste indicam que a quantidade de leite adquirida tem sido bem superior à do ano passado. No primeiro quadrimestre o crescimento alcançou 5,3%, o que é explicado em parte porque no mesmo período de 2016 a produção foi comprometida por aspectos relacionados a preços aos produtores, condições adversas de clima e algumas pressões de custo de produção. A tendência é a produção estadual de 2017 ficar sensivelmente acima da de 2016.

<sup>3</sup> Esse índice é baseado em amostragem e objetiva registrar as variações nos volumes diários captados no RS, PR, SP, MG, GO, BA e SC. A média nacional é calculada conforme o peso mensal de cada estado quanto ao volume produzido, conforme informações do IBGE. Segundo a Pesquisa Trimestral do Leite/IBGE esses estados representam cerca de 85% da quantidade de leite cru recebido pelas indústrias inspecionadas do Brasil.

**Leite - Quantidade recebida por parte das indústrias localizadas no Oeste Catarinense - 2015-17**

Mês/ano	Milhão de litros			Variação %	
	2015	2016	2017	2016/2015	2017/2016
Janeiro	121,7	113,2	121,7	-7,0	7,5
Fevereiro	97,5	100,0	103,5	2,5	3,5
Março	101,7	103,4	107,5	1,7	3,9
Abril	92,3	93,0	98,6	0,7	6,0
<b>1º quadrimestre</b>	<b>413,3</b>	<b>409,7</b>	<b>431,3</b>	<b>-0,9</b>	<b>5,3</b>
Maio	101,2	96,4	0,0	-4,7	
Junho	109,4	101,8	0,0	-7,0	
Julho	117,8	121,3	0,0	3,0	
Agosto	129,0	136,6	0,0	5,8	
Setembro	129,2	139,7	0,0	8,1	
Outubro	126,0	131,2	0,0	4,2	
Novembro	118,5	119,6	0,0	1,0	
Dezembro	120,1	123,2	0,0	2,6	
<b>Total</b>	<b>1.364,4</b>	<b>1.379,4</b>		<b>1,1</b>	

Fonte: Epagri/Cepa.